

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**THAYANA CARPES**

**NAS ONDAS DO RÁDIO, NA FREQUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:  
A RÁDIO COMO MOTIVADORA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Vitória  
2017

THAYANA CARPES

**NAS ONDAS DO RÁDIO, NA FREQUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:  
A RÁDIO COMO MOTIVADORA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

Vitória  
2017

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

C297n Carpes, Thayana.

Nas ondas do rádio, na frequência da língua portuguesa: a rádio como motivadora da produção textual no ensino fundamental / Thayana Carpes. – 2017.

117 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Adrianna Machado Meneguelli.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2017.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Linguagem e educação. 3. Textos. 4. Rádio. 5. Abordagem Interdisciplinar no conhecimento. I. Meneguelli, Adrianna Machado. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título

CDD: 469.07



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**THAYANA CARPES**

**NAS ONDAS DO RÁDIO, NA FREQUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA: A RÁDIO  
COMO MOTIVADORA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho Final de Curso apresentando ao  
Programa de Mestrado Profissional em Letras  
– Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito  
Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 10 de novembro de 2017

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Profª. Drª. Adrianna Machado Meneguelli

Instituto Federal do Espírito Santo

Orientadora

Prof. Dr. Etelvo Ramos Filho

Instituto Federal do Espírito Santo

Membro Interno

Profª. Drª. Daniela Zanetti

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Externo



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**THAYANA CARPES**

**NAS ONDAS DO RÁDIO, NA FREQUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA: A RÁDIO  
COMO MOTIVADORA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Produto educacional apresentando ao  
Programa de Mestrado Profissional em Letras  
– Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito  
Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 10 de novembro de 2017

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Profª. Drª. Adrianna Machado Meneguelli

Instituto Federal do Espírito Santo

Orientadora

Prof. Dr. Etelvo Ramos Filho

Instituto Federal do Espírito Santo

Membro Interno

Profª. Drª. Daniela Zanetti

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Externo

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

Declaro, para os fins de pesquisa acadêmica, didática e técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Vitória, 10 de novembro de 2017.



Thayana Carpes

Dedico este trabalho a todos os meus  
amados alunos da Umef Paulo Mares Guia,  
que acolheram com muita alegria e  
criatividade todas as minhas propostas de  
trabalho e ainda me incentivaram a crescer,  
porque me enxergam muito melhor do que  
realmente sou.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu pai, por incentivar cada um dos meus sonhos;

Aos meus irmãos, que me fazem acreditar diariamente que sou capaz;

Ao meu namorado, por não me deixar sufocar com a rotina;

À amiga Lidiane Lahass, pela disponibilidade e dedicação;

À minha querida orientadora, pela dedicação, atenção e carinho com que me  
acolheu;

E a todos que tornaram a minha jornada concomitante de trabalhos e estudos mais  
leve.

*“Coragem, coragem, se o que você quer é  
aquilo que pensa e faz  
Coragem, coragem, eu sei que você pode  
mais!”*

(Raul Seixas, 1979)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**RESUMO**

Partindo da dificuldade em identificar os grandes anseios que permeiam a relação professor-aluno, e com base na necessidade de proporcionar um ambiente atraente aos alunos do Ensino Fundamental, surgiu o desafio de trabalhar a Língua Portuguesa por meio de um veículo capaz de estabelecer mecanismos para o ensino dos aspectos da linguagem relacionados à produção textual. O objetivo é motivar e facilitar os processos de leitura, de interpretação e de produção de textos, utilizando uma rádio simulada na sala de aula, de forma que os alunos conheçam e reproduzam os gêneros mais comuns de uma programação, exercitando a revisão coletiva de textos e criando uma rádio escolar como produto final. Essa proposta metodológica resultou em uma sequência didática que promoveu a interdisciplinaridade e mostrou a utilidade de conceitos, como Textualidade, apresentado por Costa Val. Além disso, aplicou o pensamento sobre Autonomia proposto por Paulo Freire e as concepções de gênero de Koch e Marcuschi, incentivando a leitura crítica, a curiosidade e a ação, por acreditar que o aluno interage com as atividades à medida que enxerga a viabilidade do conteúdo estudado. A sequência didática contemplou uma abordagem bastante heterogênea do universo escolar, assumindo uma postura de aproximação entre o adolescente e a comunidade em que está inserido, partindo de um diálogo com o entorno da escola para divulgação das ocorrências do bairro, sem deixar de debater temas atuais e trazer um ar de alegria, confiança e integração para a unidade de ensino, além de resgatar todo o histórico do rádio em uma aproximação com a internet.

**Palavras-chave:** Produção Textual. Rádio Simulada. Gêneros Textuais. Autonomia. Interdisciplinaridade.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**ABSTRACT**

The challenge of working the Portuguese language with a method capable of establishing more enthralling composition teaching techniques emerged from the dilemma in acknowledging the requirements that stand between the teacher/student relationship, as well as the need to provide such attractive environment for Primary School students. On these grounds, the purpose presented by this project is to motivate and promote reading, interpreting and writing processes, by having a simulated hyped up radio in the classroom, so that students understand it, thereby are able to reproduce and recreate the most common types of programs, by practicing amongst them reviewing texts and by bringing up a school radio station as of the main project. This methodological plan entailed a didactic sequence which built up interdisciplinarity and proved the value of some concepts, such as textuality, presented by Costa Val. In addition, it has applied the Autonomy thought suggested by Paulo Freire and the conceptions of genders by Koch and Marcuschi, encouraging critical reading, curiosity and action, presuming that the students will interact with the activities as they acknowledge the viability of the studied content. Besides bringing back the radio history with an approach to the Internet, the didactic sequence contemplates a very heterogeneous approach to the school environment by embracing a relating role between the adolescents and the community they are inserted in. That is by establishing communication with the school surroundings areas to disclose the neighborhood events, keeping the dialogue alive and by bringing joy, reliability and integration to the teaching place.

**Keywords:** Composition. Simulated Radio. Textual genres. Autonomy. Interdisciplinarity.

## SUMÁRIO

|              |                                                                          |           |
|--------------|--------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                  | <b>11</b> |
| <b>2</b>     | <b>ESCOLA: ESPAÇO PLURAL DE FOMENTO DO CONHECIMENTO .....</b>            | <b>14</b> |
| <b>3</b>     | <b>ABRAM AS PORTAS: O RÁDIO CHEGOU! .....</b>                            | <b>24</b> |
| <b>4</b>     | <b>RÁDIO E EDUCAÇÃO: CONJUGAÇÃO POSSÍVEL .....</b>                       | <b>31</b> |
| 4.1          | OS GÊNEROS EM DIÁLOGO.....                                               | 40        |
| <b>5</b>     | <b>GÊNEROS E GÊNIOS: UMA QUESTÃO DE SOM, ESTILO E ESCOLHA. ....</b>      | <b>44</b> |
| <b>6</b>     | <b>PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>                                       | <b>49</b> |
| 6.1          | MÉTODO DE ABORDAGEM .....                                                | 51        |
| 6.2          | TÉCNICAS DE PESQUISA.....                                                | 53        |
| 6.3          | ANÁLISE DE DADOS.....                                                    | 54        |
| <b>6.3.1</b> | <b>Análise do Projeto Político-Pedagógico.....</b>                       | <b>54</b> |
| <b>6.3.2</b> | <b>Análise da Aplicação do Questionário .....</b>                        | <b>55</b> |
| 6.4          | O PRODUTO EDUCACIONAL .....                                              | 60        |
| <b>6.4.1</b> | <b>A Aplicação da Sequência Didática .....</b>                           | <b>62</b> |
| <b>6.4.2</b> | <b>A Sequência Didática em recorte: as oficinas .....</b>                | <b>66</b> |
| 6.5          | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....                                        | 78        |
| <b>7</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                        | <b>83</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                  | <b>86</b> |
|              | <b>APÊNDICES E ANEXOS .....</b>                                          | <b>91</b> |
|              | APÊNDICE A – Questionário de Identificação do público pesquisado .....   | 92        |
|              | APÊNDICE B – Interpretação de texto para a Oficina 5.....                | 95        |
|              | APÊNDICE C – Lista de exercícios para a terceira aula da Oficina 5 ..... | 96        |
|              | APÊNDICE D – Plano de Aulas.....                                         | 97        |
|              | ANEXO A – Termo de Assentimento.....                                     | 105       |
|              | ANEXO B – Coletânea de textos – Oficinas .....                           | 106       |

## 1 INTRODUÇÃO

Situada no campo da leitura e da escrita – considerando a diversidade social e a necessidade de promover práticas pedagógicas que aproximem o aluno do estudo da Língua Portuguesa, da Literatura e da sociedade em que está inserido – esta proposta de estudo visa a proporcionar aos alunos um ambiente atraente para facilitar o processo de produção de textos, utilizando uma rádio simulada na sala de aula, segundo uma perspectiva criativa, interativa e prática.

O foco da investigação surgiu a partir da realidade de uma escola da rede pública municipal de Vila Velha<sup>1</sup>, decorrente das práticas de estudo desenvolvidas nas turmas do nono ano do Ensino Fundamental, pela professora de Língua Portuguesa, insatisfeita com o desempenho dos alunos nas respostas discursivas, na leitura e na interpretação dos enunciados.

Esses mesmos problemas foram apontados como falas recorrentes do grupo de discentes, durante as aulas, porém justificados como reflexo do desinteresse pelas disciplinas escolares, cansativas e rotineiras, completamente dissociadas da realidade em que estão inseridos e extremamente previsíveis no que se refere à avaliação. Tal indiferença configura uma falha no processo de aprendizagem, o que fortifica o distanciamento na relação professor-aluno, transmitindo uma imagem de superioridade do docente, que acaba por inibir a voz do interlocutor. Este, por sua vez, reage com desprezo, rebeldia e negação para disfarçar a sugestão de mudança, completamente viva no sonho de aulas dinâmicas, criativas e envolventes.

Todas essas considerações vão além das falhas pontuais para propor uma atividade que motive e facilite o processo de produção textual, donde a proposta da rádio surge como um recurso possível e extremamente estratégico. Assim, este estudo estruturou-se a partir da ideia de simular uma rádio dentro da sala de aula, com vistas a incentivar a produção de textos das turmas do nono ano do Ensino Fundamental, aproximando o aluno da comunidade em que está inserido.

---

<sup>1</sup> Os dados preliminares para esta pesquisa foram obtidos a partir da observação participante na escola Umef Professor Rubens José Vervloet Gomes, localizada na cidade de Vila Velha (ES).

Trabalhar com alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino vários conteúdos de Língua Portuguesa – partindo de um único recurso familiar ao grupo, o rádio – requer conhecer um pouco a realidade social, econômica e cultural do público, com intuito de identificar a influência desse meio de comunicação.

Quando se fala em educação para adolescentes, uma das grandes preocupações é a formação do caráter para a constituição do aluno como cidadão apto à participação social, capaz de questionar a própria realidade, identificar problemas, mediar conflitos e promover transformações, pelo domínio criativo e consciente da linguagem. Esse desafio direciona a postura do professor de Língua Portuguesa, que busca recursos para unir as práticas sociais aos objetivos escolares de ensinar a língua materna, no que se refere à leitura e à escrita.

Essa postura será explicada e fundamentada a partir do estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – documentos constituídos de normas legais e considerados de referência para a construção dos planos de ensino –, referentes ao ensino de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental. Neles estão dispostos os objetivos que preconizam a abordagem da ética, meio ambiente, trabalho, consumo, saúde, sexualidade e pluralidade cultural, como temas transversais propostos para um diálogo interdisciplinar.

Em Língua Portuguesa, a interdisciplinaridade serve de pilar para explorar os gêneros textuais, favorecendo o uso de uma linguagem mais descontraída, com intuito de aproximar realidades e estabelecer uma cumplicidade, partindo de assuntos contemporâneos, porém que conduzem a uma intimidade e subjetividade. Para tanto, é de suma importância entender a expressão gêneros do discurso, o que será realizado segundo os apontamentos de Ingedore Koch.

Como o produto final é a construção de uma programação diária que simule o diálogo da comunidade escolar com a sociedade, preenchendo os espaços de silêncio onde ecoa a ignorância e a preguiça, o estudo dos gêneros torna-se exigência para a compreensão de cada um dos textos que compõem a estrutura do projeto. Na mesma medida, sustenta a possibilidade prática de união de muitas falas e exposição criativa da pesquisa dialógica entre passado, presente e futuro da figura

do rádio, visando ao desenvolvimento da oratória e do relacionamento interpessoal, capaz de sanar a carência de informação. Assim, buscar-se-ão esclarecimentos nos estudos de Luiz Antônio Marcuschi e Maria da Graça Costa Val.

A ideia é mostrar a utilidade dos conceitos na aplicação prática, pois acredita-se que o aluno goste de interagir com as propostas de atividades à medida em que enxerga a viabilidade do que está sendo estudado, ou que percebe que haverá um resultado final, neste caso a criação da rádio escolar, e que a aprendizagem está diretamente ligada à própria realidade e ao domínio do conhecimento adquirido. Em virtude disso, o projeto seguirá o pensamento de Paulo Freire sobre autonomia, partindo de uma prática docente que incentive o educando à leitura crítica, à curiosidade e à ação. A proposta “é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador” (FREIRE, 2011, p. 24).

Diante disso, a sugestão deste trabalho – que teve início em 2016 – de criação de uma rádio simulada em sala de aula é apresentar uma abordagem criativa de estudo dos diferentes gêneros textuais, a partir da sequência didática proposta para o último ano do Ensino Fundamental II, culminando na construção da rádio escolar. Para tanto, há uma divisão em capítulos, estruturada em: uma análise da escola como espaço de fomento do conhecimento (capítulo 2); histórico do surgimento do rádio (capítulo 3); a utilização do rádio como recurso de intervenção pedagógica, possibilitando o desenvolvimento prático de diferentes gêneros e a inserção social (capítulo 4); a organização da rádio simulada, tendo por base a criatividade e a autonomia (capítulo 5); o percurso metodológico (capítulo 6) e uma síntese avaliativa do resultado final da aplicação prática da sequência didática para construção da rádio escolar.

## **2 ESCOLA: ESPAÇO PLURAL DE FOMENTO DO CONHECIMENTO**

Quando se fala em educação para adolescentes, uma das grandes preocupações é a formação do caráter para a constituição do aluno como cidadão apto à participação social, capaz de questionar a própria realidade, identificar problemas, mediar conflitos e promover transformações, pelo domínio criativo e consciente da linguagem. Esse desafio direciona a postura do professor de Língua Portuguesa, que busca recursos para unir as práticas sociais aos objetivos escolares de ensinar a língua materna, no que se refere à leitura e à escrita, com eficiência na interpretação e produção textual. Assim, trabalhar os gêneros em sala de aula é um artifício para familiarizar o aluno com diversos textos, habilitando-o ao manuseio e compreensão da importância de cada um deles.

Fazendo uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - documentos constituídos a partir de normas legais e considerados de referência para a construção dos planos de ensino -, referentes ao estudo de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental, encontramos objetivos que preconizam a abordagem da ética, meio ambiente, trabalho, consumo, saúde, sexualidade e pluralidade cultural como temas transversais propostos para um diálogo interdisciplinar.

Em Língua Portuguesa, a interdisciplinaridade serve de base para explorar os gêneros textuais, favorecendo o uso de uma linguagem mais descontraída, com intuito de aproximar realidades e estabelecer uma cumplicidade, partindo de assuntos contemporâneos, porém que conduzem a uma intimidade e subjetividade. Dessa forma, o professor deve ser capaz de despertar no aluno a vontade de refletir sobre seu ponto de vista, comparando com a visão do outro, para uma posterior construção dos próprios valores, tendo por base a fundamentação em pesquisas, no conhecimento adquirido por intermédio do debate e nos exemplos da sociedade em que está inserido, já que a proposta do Governo não é apenas localizar o adolescente na escola mais próxima, mas sim garantir o acesso à informação, desenvolvendo o senso crítico e a participação cidadã, com vistas à formação profissional e posterior inserção no mercado de trabalho.

Uma análise da conjuntura mundial e brasileira revela a necessidade de construção de uma educação básica voltada para a cidadania. Isso não se resolve apenas garantindo a oferta de vagas, mas sim oferecendo-se um ensino de qualidade, ministrado por professores capazes de incorporar ao seu trabalho os avanços das pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento e de estar atentos às dinâmicas sociais e suas implicações no âmbito escolar (PCN, 1998, p. 9).

Os PCNs determinam conceitos e metas do projeto educativo brasileiro, servem de suporte para a prática didática e direcionam a seleção de conteúdos para cada disciplina, orientando para a melhoria da qualidade do ensino e garantindo o acesso aos princípios democráticos que configuram a cidadania. Sendo assim,

[...] indicam como objetivo do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de [...] questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (PCN, 1998, p. 56).

Para o ensino da Língua Portuguesa, os PCNs destacam “a necessidade de dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania” (p. 58). Em outras palavras, fortificam a ideia de construção da identidade e de pertencimento social por meio de multiletramentos, aplicando de forma objetiva e eficiente as práticas de leitura e escrita. Dessa forma, “propõem que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados” (p. 59).

Considerando os diversos gêneros que circulam no cotidiano do aluno, os PCNs sugerem:

[...] planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino (PCN, 1998, p. 22).

Em linhas gerais, o objetivo da educação no Brasil é desenvolver as capacidades individuais, em uma parceria entre a escola e a sociedade, contemplando nessa relação a família, a comunidade e o mercado de trabalho, com a responsabilidade de transferência dos conhecimentos que vão repercutir na valorização das habilidades e no desenvolvimento das inteligências, pelas múltiplas competências.

Para tanto, a escola deve ser concebida como um espaço plural, onde a diversidade de culturas convive em harmonia e possibilita um ambiente em que prevalece a compreensão, a integração e a aquisição de novos saberes para o desenvolvimento social, de forma que a competitividade seja entendida como salutar e impulse o crescimento individual e o desenvolvimento científico, pela busca da capacitação e posicionamento crítico.

É importante ressaltar o valor do conhecimento histórico e político para determinar condutas condizentes com o profissional da educação, no sentido de oportunizar ao aluno a interdisciplinaridade e ações que evidenciem a internalização dos próprios direitos e deveres na sociedade. A esse respeito, Neidson Rodrigues (1991) comenta:

Faz-se necessário e urgente que se resgate a verdadeira dimensão da tradição. Pode parecer uma contradição, porque à tradição têm sido atribuídas as mazelas da educação. E por isso todos estão à cata da renovação, da inovação, da mudança. Mas não se deve olvidar que essa busca não se destina apenas a promover o apagamento da tradição; destina-se também, e principalmente, a buscar aquilo que, em nome do novo, tem sido relegado na crítica à tradição: o esquecimento das origens do ato de educar (RODRIGUES, 1991, p. 15).

A questão é como sair da aplicação óbvia de aulas expositivas, cômodas tanto para o professor quanto para o aluno, pelo conhecimento da estrutura e dos resultados, já que há uma ordem estabelecida entre a hora de explicar a matéria, dar vez ao questionamento, prática de exercícios e exposição das evidências, por meio de uma produção textual ou mesmo prova escrita? Como assumir o elemento surpresa, explorar a criatividade, a alteridade, a intertextualidade e a subjetividade dando voz ao aluno, em uma proposta de trabalho inovadora dentro do campo escolar? Como trazer para dentro da sala de aula o espaço tão conhecido da comunidade, na

aplicação de conteúdos didáticos e transversais para o estudo da língua e da linguagem?

A todos esses questionamentos se soma a figura do professor, oprimido pelo cansaço de uma rotina de trabalho superior a 50 horas semanais, massacrado por projetos pedagógicos que contraditoriamente desconsideram o público ao qual se propõe a atender, alheio à realidade do entorno escolar, desamparado de capacitações e fiscalizado por políticas que visam ao nivelamento e à aceleração dos alunos retidos por defasagem no aprendizado. Essa realidade, por si só, já configura um indício de fracasso e pode perfeitamente justificar a conduta de quem desistiu de buscar alternativas para sair do lugar comum.

Mas desistir é negar ao aluno o direito de transitar entre espaços sociais diversos, de pertencer à sociedade e de viajar em meio ao lúdico e à fantasia das palavras, sem medo ou pressa. O desafio está exatamente em superar as adversidades sem sofrimento e com atitudes que perpassam o diálogo, a conscientização e o prazer da vivência. O foco não é a objetividade e nem o pensamento individualista, pois já se sabe que

Com a objetividade, somos condicionados a enxergar os assuntos e os fenômenos com distanciamento e impessoalidade, ou seja, sem a influência de nossas emoções, hábitos e marcas pessoais. Em outras palavras, aprendemos a agir e pensar isentos de nossa subjetividade (AZEVEDO, 2005, p. 2).

Não é isso que se espera de uma relação em que há preocupação com a formação do caráter, com a manifestação da sensibilidade e com a humanização. Vale ressaltar que por humanização entende-se

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CÂNDIDO, 1995, p. 180).

É preciso explorar o desconcerto do mundo e sugerir que cada um se dispa da posição social para enxergar o outro, expondo suas carências e o vazio interior, quando decide trocar conhecimentos, permitindo-se viver experiências, ainda que mentais, e assumir uma postura de estranhamento, como propõe Terry Eagleton, quando nos surpreende com a magia de visitar o lugar comum que é o próprio eu e nos encantar com tantas incompreensões e insatisfações, que geralmente nos diminuem e, contraditoriamente, humanizam, como afirma Antônio Cândido.

Sendo assim, o importante é enxergar a escola como local amplo de diálogo, cultura e informação, onde são viabilizadas atividades simples, práticas e que contemplem a parceria enriquecedora de especialistas, mas sem esquecer o valor dos textos, que podem ser a base para aulas completas, interativas e inspiradoras; que falem de vida, de morte, de pertencer, de valores, de tudo e de nada; que promovam a reflexão ou apenas representem uma carícia na alma, porém sem a preocupação do ter que ser; que sejam descobertos, desvendados e devorados por olhos carentes de atenção e de direcionamento. Sem entrar no mérito da discussão de que o texto tem que ser moralizante, pedagógico.

Pode-se perceber que os textos destinados ao público juvenil no Brasil partem de uma configuração monológica, uma vez que falam de lugares que nada mais são do que aparelhos ideológicos do Estado, para uma proposta de dialogismo e polifonia, em razão de fazerem emergir a voz questionadora do próprio jovem, voz essa que tende a questionar toda espécie de autoritarismo e de instituições (GREGORIN FILHO, 2011, p. 11).

Gregorin Filho (2011) fala dos aparelhos ideológicos do Estado e suscita a questão mercadológica, capitalista, as regras de bons costumes e a necessidade de um discurso de aceitação às discrepâncias sociais, como pilares que sustentam a ordem estabelecida. Também apresenta o jovem como questionador, evidenciando a importância de não se perder tempo tentando identificar que texto pode ser considerado próprio ao público infanto-juvenil, e para ser lido na escola, enaltecendo o ideal de fuga da realidade, de resgate da esperança; quando a própria vivência já forçou o amadurecimento; quando os ouvidos já se acostumaram ao barulho dos tiros e o corpo já não reage mais comprimindo-se contra o chão; quando os olhos não se arregalam por um corpo caído em meio a uma poça de sangue; quando o

coração não dispara com medo da perda; quando não há mais frio na barriga por um olhar acolhedor; quando o pânico caiu na rotina e sonhos são para os desocupados.

A escola precisa acolher esses alunos, entendendo que eles são as histórias que ainda não foram para o papel, e nem sequer sabem do potencial que a dor que carregam tem, porque ainda não foram valorizados e instigados a exteriorizar a própria voz, porque ainda não se sentem pertencentes ao meio.

Então o que apresentar para cada um deles? Como fazer para que uma sequência de palavras ganhe direcionamento e repercuta dentro do turbilhão de cobranças sociais que oprimem a infância e a adolescência? Como emocionar olhares secos e corações resistentes? O que selecionar quando ainda há o estranhamento e o choque com realidades tão duras?

Não se pode esquecer que são alunos participantes de uma sociedade maior, que rastejam em escombros e se escondem em becos por determinações de toques de recolher; abrigam-se em moradias improvisadas e se entregam aos vícios para se esquecerem dos vazios, contudo têm acesso à tecnologia e são seduzidos pelo capitalismo. Eles não conhecem Clarice Lispector, mas entendem a dor de Macabeia; nunca ouviram falar de Machado de Assis, entretanto, em vida são defuntos autores; não acompanham publicações de Sidney Sheldon, mas podem contar histórias tão surpreendentes quanto *Manhã, tarde e noite*, porque entendem de distúrbios de personalidade, desvios de conduta e traumas de infância.

Por que, então, não desafiá-los com as engenhosas e bem-humoradas histórias de Jô Soares e com a simplicidade e doçura de Cora Coralina? Ou por que não confrontá-los com a violência de Adilson Vilaça e a naturalidade da visão de Reinaldo Santos Neves?

E a ideia não é desenvolver atividades mirabolantes, caras ou mesmo exaustivas; a sugestão é promover a leitura dramatizada e conjunta, partindo inicialmente de textos curtos como *As mãos de Ediene* (de Fritz Ultzeri), *Estudo para um conto* (de Sérgio Sant'Ana), *O bicho* (de Manuel Bandeira), *O meu guri* (de Chico Buarque),

*Um cinturão* (de Graciliano Ramos), ou tantos outros de linguagem simples, mas que proporcionem um debate amplo e despertem o interesse pelo mundo das palavras.

Não adianta começar de cima, pois livros grandes podem assustar. É preciso trabalhar com “doses” pequenas que deixam um ar de fantasia, suspense e paixão; que possam ser abstraídos da folha de papel para a vida, ainda que por intermédio de sonhos ou das telas de cinema. A sugestão é conduzir o aluno à compreensão da situação, de forma que consiga se sentir integrado ao sistema, com potencial para sugerir mudanças, sem se limitar a apenas cumprir ordens.

Outra observação importante é o fato de que para muitas pessoas o contato com a leitura de livros se restringe ao espaço escolar, e há uma mentalidade ainda mais triste de que a leitura deve ocorrer na biblioteca, subordinada à inspeção de coordenadores, bibliotecários e professores de Língua Portuguesa. Algumas vezes, essa atividade está enquadrada dentro das propostas de punição ao aluno indisciplinado: ler um livro e produzir um resumo, quando retirado de sala de aula; ou uma forma de disfarçar aulas vagas: levar uma turma inteira à biblioteca, exigir o silêncio e deixar o tempo transcorrer até o horário do próximo professor.

Ricardo Azevedo descreve bem a responsabilidade da escola quando afirma:

Não por acaso, ainda é baixo o número de leitores regulares, pessoas que sabem utilizar livros em benefício próprio e que, portanto, poderiam constituir algo como uma “cultura de leitura”. Neste contexto adverso, a escola tem sido, indiscutivelmente, o grande e mais importante espaço mediador da leitura e da formação de leitores. Nela, grande parte das pessoas tem sua primeira chance de estabelecer contato com textos de ficção e poesia (AZEVEDO, 2005, p. 1).

E, nesse sentido, resgata a importância de cada docente para a abordagem de conteúdos específicos, que vão desde o despertar da abordagem lógica até a concepção de homem como ser cultural, porém convidando à conscientização de uma visão amparada na subjetividade e nas contradições da própria vida, com oportunidade para se desenvolver a alteridade, a experiência e os conflitos.

Trata-se, creio, de um lamentável equívoco deixar de fora do âmbito escolar, ou do universo educacional oficial, as questões subjetivas, os aspectos psicológicos e emocionais; as contradições e ambigüidades; as vivências concretas; a efemeridade humana; as questões do imaginário coletivo e dos imaginários individuais entre outros temas relevantes e relativos. Pois bem, a meu ver, esse espaço pode ser preenchido pela arte e pela literatura, seja ela infantil ou não (AZEVEDO, 2005, p. 6).

Aqui a proposta é buscar a essência da Literatura como arte, não trabalhar com o livro em caráter utilitário, explorando o didatismo; a escola tem que promover a fruição, o despertar da sensibilidade e o desabrochar de um olhar crítico. Não cabe essa proposta nem mesmo em meio à educação infantil, quando as crianças fazem a leitura de imagens, associadas ao toque, e são inseridas “através da ficção e do discurso poético, à abordagem dos temas humanos da vida concreta não idealizada, portanto necessariamente relacional, diversificada e complexa” (AZEVEDO, 2005, p. 8).

Normalmente, esse processo inicial de contato das crianças com a Literatura ocorre por meio dos contos de fadas, contados de geração para geração, às vezes de forma lúdica e afetuosa, porém sem deixar de lado características inerentes à moral humana. São pais e avós que insistem em expor o caráter e as fragilidades do homem capitalista como forma de transmitir ensinamentos; entretanto, alguns se apegam tanto à pedagogização que preenchem para as crianças as lacunas deixadas no texto para a imaginação, para a inferenciação e para a subjetividade da análise. E que triste é perceber que a criança cresce acostumada a buscar uma moral para a história e a ter sempre alguém que facilite a compreensão dos textos, como se sozinha não fosse capaz.

Outro problema está na tentativa do adulto de delimitar o que é um texto oportuno para a criança e para o adolescente, sem considerar que esse público está subordinado às mesmas condições fundamentais de vida dos seus tutores e, por que não dizer de todos os adultos? Sentem fome, frio, dor, prazer, alegria, medo, tristeza, ciúme e vaidade, ainda que em proporções diferentes.

Por isso é importante a parceria entre a escola e a família, para que os valores sejam trabalhados de forma contínua, possibilitando ao aluno o reconhecimento do

discurso. Essa visão direciona para uma conduta de compartilhamento das responsabilidades, no sentido de oportunizar ao aluno a ação; para tanto, torna-se viável a confecção de um produto final diário que garanta o aprendizado de conhecimentos que ultrapassem os limites da disciplina de Língua Portuguesa.

Além disso, é preciso considerar a dedicação individual para a contribuição com o coletivo, no sentido de buscar informações através do diálogo, enriquecer as falas com leituras aprofundadas e específicas que deem subsídio para a comprovação de dados e incentivem a produção de novos textos; destacando a iniciativa e a autonomia para ações desafiadoras e diversificadas, com ampliação do próprio repertório linguístico e posicionamento crítico. Mas como aplicar uma didática que se pautar nessa proposta e ainda contemple a abordagem gramatical e sintática da língua de forma contextualizada e progressiva?

A resposta para as perguntas acima passa pela ideia de aplicação da Educomunicação, ou seja, pela relação entre mídia e educação, com a construção de uma rádio escolar, dando voz e credibilidade ao estudante, com intuito de desenvolver a democracia, a capacidade de expressão e a socialização, como indica o professor Ismar de Oliveira Soares:

O conceito da educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura. (...) Em resumo, a educomunicação tem como meta construir a cidadania, a partir do pressuposto básico do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação (SOARES, 2004, p. 2).

No Brasil, o rádio é considerado viável por ser uma mídia de massa que continua popular, resistindo à concorrência das novas tecnologias, de amplo alcance nas camadas sociais, baixo custo operacional, simplicidade tecnológica e agilidade na transmissão das falas. Ainda é um veículo de comunicação que favorece o processo imaginativo, valoriza particulares da oralidade em meio a uma fala coletiva, acessível e dinâmico, em que formas de expressão artísticas consagradas ganham novos formatos, explicitando o reconhecimento de características discursivas para

identificação de valores e intenções implícitas, com vistas a permitir a articulação entre conhecimentos prévios e informações textuais.

Como recurso didático, o rádio traz uma estrutura que contempla não só a linguagem verbal oral como requer um conhecimento amplo da escrita para a organização de roteiros dos programas. Desse modo, exige o reconhecimento das características dos gêneros que o compõe (propaganda, música, notícia, entrevista, radionovela e recado), além do conteúdo temático e construção composicional, de forma que se possa evidenciar a gramática e a estrutura sintática, com destaque para a conjugação verbal, regência, concordância e uso das conjunções para garantir a coesão e, conseqüentemente, a coerência do produto final.

### **3 ABRAM AS PORTAS: O RÁDIO CHEGOU!**

Falar sobre como o rádio, aquele aparelhinho falante, surgiu não é simples quando se analisa a tecnologia de comunicação e se propõe uma comparação com a estrutura e princípios de funcionamento do sistema de telefonia, proposto por Graham Bell, em 1876, utilizando sinais de áudio; ou mesmo, no ano seguinte, com a criação de Thomas A. Edison de um gravador de voz. Essas e outras ideias viabilizaram o desenvolvimento tecnológico que fundamenta a base do rádio, entretanto, nenhuma delas tencionava ter a funcionalidade e a representação social que esse eletrodoméstico tem hoje.

O rádio surgiu na Europa, em meio às disputas territorialistas que marcaram o período da Primeira Guerra Mundial, como uma tecnologia bélica, tática em relação aos meios de comunicação existentes - telégrafo, telefone e carta -, em virtude da mobilidade e agilidade no contato. Servia para direcionar o deslocamento das tropas e proporcionar apoio, por promover a comunicação, o que facilitou a popularização desse aparelho no ambiente militar. Porém, com o fim da guerra, além do cenário de destruição e mortes, aliado ao surgimento de aviões, restaram os receptores que perderam a função inicial e caíram no gosto popular como transmissor de uma programação diária, cujo maior atrativo era a ficção, no Brasil, trazida pela radionovela.

Foi a necessidade de esquecimento do passado e fuga da realidade que incentivou o gosto pela distração de ouvir histórias, dramatizações de tramas literárias expondo a fragilidade humana, os desvios de caráter e a esperança de felicidade. Textos que proporcionavam um olhar sensível e um diálogo amplo, que refletiam em uma internalização inconsciente do novo e do outro, ao romper o silêncio interior e promover a transcendência do lugar comum para um encontro íntimo consigo mesmo e com o mundo ao redor; um convite à reflexão, a uma viagem interior de surpresas e desapontamentos, onde a mudança proposta para cada personagem, nada mais era do que uma sugestão de transformação pessoal, um incentivo à integração com o texto, com a vida, com o mundo.

O crescimento da audiência logo despertou o interesse dos patrocinadores, que começaram a investir em comerciais, vislumbrando a dinâmica da comunicação coletiva de massa. Assim, era comum os intervalos das novelas de rádio serem marcados por propagandas de sabão em pó com músicas românticas e tendenciosas, escolhidas no intuito de conduzir a uma postura consumista e sonhadora. Era a prática capitalista sendo aplicada na venda dos sonhos e na possibilidade de projeção social.

E, assim, o rádio, de fato, rapidamente, atingiu grandes parcelas da sociedade; ganhou a aceitação da população pela valorização da linguagem oral, permitindo uma identificação pessoal a partir de uma abordagem diretamente dirigida a cada ouvinte, sem, no entanto, deixar de falar a milhões de interlocutores; facilitou a propagação da informação, divulgando a hora certa, um posicionamento a respeito do tempo e comentários sobre os acontecimentos sociais. Com seu avanço, associou-se a outras formas de expressão artística, como a música, que também começou a pertencer à programação regular.

Liderando o cenário comunicativo durante mais de três décadas sem concorrência, nas quais levou informação e entretenimento ao mundo, por meio de uma estrutura técnica de baixo custo e elevado alcance geográfico ao trabalhar com ondas eletromagnéticas moduladas em frequência ou amplitude, o rádio ainda surpreendeu por conviver ao lado de estruturas mais complexas e modernas, como a televisão e o computador, sem perder a admiração do público, prosperando por características que perpassam a agilidade, a adaptabilidade e a personalidade da linguagem.

Além disso, conferiu um conforto considerável à comunicação, por não trazer imagens, permitindo uma liberdade na imaginação daquilo que está sendo falado e na ocupação com outras ações, uma vez que não limita o ouvinte, podendo acompanhar mídias diferentes e desenvolver atividades diversificadas concomitantemente. Essa mobilidade só se configurou como uma característica do rádio quando a modernidade lhe proporcionou uma redução do peso e do tamanho. Pois,

[...] no final da década de 50, o rádio ainda era um aparelho relativamente grande e pesado, que costumava ficar sobre um móvel, na sala, onde as pessoas, geralmente a família, se reuniam em torno para ouvi-lo. Era quase uma celebração: a audiência permanecia muda (ou quase) enquanto era envolvida pelas ondas do rádio (SILVA & TORIELLO, 1997, p. 107).

Dessa forma, o rádio logo se tornou o queridinho da dona de casa, por invadir cozinhas, salas e quartos com alegria, entretenimento e informação. E, para os homens, ele se transformou no grande companheiro das longas viagens, entrando e saindo das cidades, subindo serras e cruzando estradas, ao som de vozes conhecidas, que ainda possibilitavam acompanhar a transmissão das adoradas partidas de futebol.

Hoje, o rádio já se apresenta com um novo perfil, atrelando-se às narrações esportivas, por exemplo, deixando para trás o caráter exclusivamente político, característico do Estado Novo, proposto por Getúlio Vargas em 1937. A propagação das notícias não deixa de acontecer, porém não ocupa mais toda a programação, o que reflete na nova conduta de interação com a sociedade.

Analizando por outra ótica, esse eletrodoméstico passou a ser visto como economicamente viável, já que a simplicidade de recursos técnicos tornou os custos baixos, aumentando as vendas e promovendo a criação de novas vagas de emprego, inerentes à necessidade de profissionais para a execução de uma rádio; logo, surgiam técnicos, radialistas, diretores, redatores, locutores esportivos e contatos comerciais, o que alavancou o mercado de trabalho.

Hoje, apesar de todos os avanços tecnológicos, surgimento da televisão e do computador, desenvolvimento de mídias como o skype e o whatsapp - que proporcionam o diálogo gratuito e instantâneo -, o rádio se mantém como um dos mais populares, ágeis e adaptáveis meios de comunicação voltados para o entretenimento. De acordo com Ferraretto (2014),

O rádio é, por definição, um meio dinâmico. Lá, onde a notícia acontece, está presente, transmitindo-a em tempo real para o ouvinte. Também aparece, ali, onde se faz necessária uma canção para espalçar ou enlevar. E chega, acolá, naquele cantinho humilde a carecer de uma palavra de apoio, de conforto ou, com certeza, de indignação. Neste século 21 de

tantas tecnologias e, por vezes, de poucas humanidades, constitui-se, por natureza e cada vez mais, em um instrumento de diálogo, atento às demandas do público e cioso por dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia. Tudo de forma muito simples, clara, direta e objetiva (FERRARETTO, 2014, p. 11).

Surpreende por vencer barreiras de distância entre o locutor, o jornalista/informante e o receptor (ouvinte), além de explorar a sensorialidade para favorecer a acessibilidade de todas as classes sociais, visto que contempla até o interlocutor iletrado. Ainda pode ser classificado como original, por conseguir associar a informatividade com a diversão, utilizando o improviso da criação de algumas falas em tempo real com o compromisso de transmitir as notícias em programas ecléticos, porém tendenciosos e norteados pela norma culta, já que representa os interesses políticos, econômicos e culturais de grupos sociais específicos, pertencentes à classe dominante. É importante ter em mente que,

Diferente do que aconteceu nos Estados Unidos e na Europa, onde a intervenção do Estado era marcante em grande parte da programação radiofônica, no Brasil o rádio já nasce com vocação comercial, a participação do governo se dando apenas durante a transmissão do Programa Nacional. O restante da programação era elaborado conforme o gosto popular (SILVA & TORIELLO, 1997, p. 106).

Outra característica positiva do rádio é a possibilidade de adaptação ao mundo virtual, com programações que podem ser ouvidas pela internet ou mesmo baixadas por aplicativos de celular, aliás, muitos aparelhos móveis já apresentam o rádio na configuração original, o que facilita a utilização e, de certa forma, confere um caráter atual ao eletrodoméstico, indiscutivelmente, aceito por adolescentes e jovens nessa nova versão.

Atualmente, qualquer pessoa pode ter um pen drive com uma seleção musical adaptável às mais diversas situações, de forma organizada e sem exigir grandes esforços. Reunir, porém, em um único aparelho ou programa, interação, informatividade, literariedade, criatividade e bom humor é bem mais difícil e complicado. Talvez este seja o grande encanto do rádio: trazer uma programação rica e variada, contemplando de forma organizada bastantes gêneros literários: notícia, propaganda, poesia, entrevista, recado, fofoca, música, horóscopo, piada e até enigmas, sem, contudo, deixar de fazer uma abordagem dinâmica e moderna.

É importante resgatar a chegada do rádio ao Brasil, retomando o pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, em 1922, à distância e sem fio, nas comemorações do centenário da Independência do país. Outros momentos também merecem ser lembrados, como o ano de 1934, quando ocorreu a criação do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, pelo governo Vargas, que controlava o conteúdo das transmissões radiofônicas; a transmissão da Copa do Mundo de 1938, sediada na França; as notícias e temores da Guerra Fria na Europa; e o conhecimento das alianças estratégicas entre os países durante a Segunda Guerra Mundial.

Oficialmente, a primeira transmissão radiofônica brasileira ocorreu no mesmo ano da Semana de Arte Moderna: 1922, no Rio de Janeiro, marcando o centenário da Independência. Seu objetivo, fundamentalmente, segundo definição de CONSANI (2007, p. 33), era “ser empregado prioritariamente para levar educação e cultura a todas as partes do país”, como “inovação tecnológica de grande potencial”.

Hoje ainda mantém uma relação estreita com a propagação da cultura, servindo de suporte para a exposição de diferentes manifestações artísticas, e apoio à educação. Mas, em inúmeras escolas, é proibido em salas de aula, onde não consegue ser explorado como ferramenta pedagógica, fazendo parte apenas do imaginário do estudante, ao relacionar aquilo que escutou até o início da aula com o conteúdo apresentado pelo professor.

Em alguns casos, é companhia no recreio daqueles que circulam com fones de ouvido. Essa possibilidade aparece em virtude das transformações estéticas e dos avanços tecnológicos que refletem não só no tamanho e no peso, como também na sua configuração, estando inserido na composição de outros aparelhos, como notebook e celular, aparecendo como mais um aplicativo.

Utilizar o rádio em seu potencial educativo é ir além da ideia inicial de suporte, ou de transmissor de textos orais para análise; é atingir a imagem de completude em que esse meio de comunicação se consolidou: rico em diversidade textual, repleto de regionalismos e gírias, fonte de informação e inspiração para a criação de paródias, entrevistas, enquetes, roteiros de peças teatrais e conversas descontraídas.

A respeito dessa visão, CONSANI (2007, p. 43) afirma que “a ideia de se trabalhar com mídias na escola é, quase sempre, pensada do ponto de vista da ‘recepção’, isto é, trabalhar sobre aquilo que já é produzido pelos meios especializados”. Tecendo essa crítica, chama a atenção do leitor para a subutilização dos recursos midiáticos.

Na verdade, inserir os recursos tecnológicos no ambiente escolar, em algumas situações, não é algo tão simples; requer capacitar os profissionais da área de educação e investir na infraestrutura da escola. Para o primeiro caso, há a necessidade de desenvolvimento de projetos que visem ao correto manuseio dos aparelhos, assim como propostas de abordagem que explorem a interdisciplinaridade, a aplicabilidade das ferramentas na prática cotidiana e a riqueza da linguagem para análise, interpretação e posterior produção textual, que possam culminar na inserção dessas mídias na comunidade, porém com consciência crítica. O segundo caso exige organização e comprometimento da administração/gestão escolar, com intuito de promover o espaço da escola como propício à construção do conhecimento e à formação do cidadão, além de torná-lo atrativo, interativo e pertinente ao desenvolvimento da sociedade.

Essas mudanças na estrutura da escola contemporânea se fazem necessárias porque a realidade aponta para um perfil de aluno que já chega às aulas sem expectativas e não se interessa pelos conteúdos apresentados, porque conhece uma realidade muito mais instigante e inovadora, proposta pelos recursos de que dispõe ou aos quais tem acesso por meio de sua comunidade: o rádio, a televisão, o celular, o computador e o videogame. Adilson Odair Citelli (1997) resume essa questão ao afirmar que as crianças estão

[...] extremamente envolvidas com novas linguagens, estímulos e formas de conhecimento que vivem à margem do discurso institucional escolar. Neste sentido, a questão deve ser vista não apenas como pressão dos meios de massa, da indústria do consumo, da sedução do entretenimento, mas como dado de realidade (CITELLI, 1997, p. 27).

Esse descompasso entre os recursos pedagógicos utilizados pelas escolas de Ensino Fundamental da rede pública no Brasil e as mídias que fazem parte do

cotidiano do aluno gera conflito em relação à linguagem institucionalizada dos professores e à linguagem internalizada dos estudantes, fruto das experiências vivenciadas em sociedade e das influências decorrentes dos meios de comunicação aos quais estão expostos. Essa atitude de desprezar o conhecimento de mundo trazido pelo aluno e de não legitimidade do valor didático dos recursos midiáticos reflete em um distanciamento entre as partes envolvidas no processo de aprendizagem, configurando mais uma barreira no diálogo estabelecido em sala de aula.

Reconhecer esse tratamento de indiferença que desqualifica todo o repertório de vida dos alunos significa aceitar que a relação de ensino não se limita aos muros da escola, que ultrapassa o conhecimento adquirido pelo professor como profissional capacitado e qualificado para a função que exerce. Assim, faz-se necessário absorver cada um dos recursos tecnológicos como aliados para a construção de um trabalho criativo, diversificado, contextualizado e enriquecedor, onde o aluno possa se sentir ambientado para interagir e curioso para descobrir o que há de novo em um aparelho que pertence ao seu dia a dia, mas de existência quase centenária.

#### 4 RÁDIO E EDUCAÇÃO: CONJUGAÇÃO POSSÍVEL

Na era da informação, em meio a um sistema de grandes inovações tecnológicas que induzem a uma sensação constante de transição, um dos maiores rivais do ser humano é o tempo. A velocidade das transformações e das novas descobertas para muitas pessoas é tão surpreendente que chega a ser intangível, impossível de ser acompanhada e assustadoramente cruel, inferiorizando e aprisionando aqueles que se dispõem a tentar dominá-las em plenitude.

Diferenciar passado, presente e futuro não parece ser um caminho para quem busca a libertação ou ao menos uma autonomia na condição de existência, mas sim um alicerce para a construção da racionalidade contemporânea, já que as pressões externas conduzem a um movimento social de individualidade, em que o tempo deixa de ser linear para se tornar subjetivo e fruto dos espaços estabelecidos pela influência dos meios de comunicação.

A consciência crítica direciona o homem para uma perspectiva objetiva e conflitante com a realidade, no sentido em que o confronta com a pluralidade de possibilidades para compreensão do mundo. Há uma busca pela liberdade que só cessa quando se admite a alteridade, percebida pela aceitação das interferências sociais em consonância com as próprias limitações ou fragilidades. Entretanto, esse processo de autoconhecimento é reflexo do poder de atuação da educação em esfera social, com objetivo de humanização. A esse respeito, Freire afirma que

O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação (FREIRE, 1980, p. 76).

Pensando a humanização como paradoxal, já que a concepção de ser humano normalmente está entrelaçada à ideia de afetividade, capacidade de demonstrar sentimentos e de se relacionar, em meio a uma sociedade que subverte valores e tenta padronizar as relações; e a educação como espaço amplo de exercício da cidadania, não se limitando à sala de aula ou a outros espaços institucionalizados, mas de responsabilidade do governo, da família e de toda sociedade.

Definindo filosoficamente o homem pela necessidade metafísica da educação, Kant (1996) compartilha da ideia de que cada ser humano é o grande senhor do seu destino. Entretanto o homem precisa adquirir exatamente aquilo que moralmente o torna homem. Isso só é possível graças à educação. A finalidade da educação é justamente a realização da liberdade através da universalização do pensar, de um lado, e do agir de outro (ONGARO, 2011, p. 22).

Como local de discussão e fomento do conhecimento, a escola deveria estar adaptada para oportunizar a reflexão, direcionar o contato enriquecedor com o outro e flexibilizar o trabalho de aprendizagem individual. Seguindo essa linha de raciocínio, Viviane Ongaro (2011) define a escola como “instrutora, socializadora e, principalmente, reguladora de condutas sociais”, com “autoridade para transformar crianças em adultos que conhecem e aceitam regras” (ONGARO, 2011, p. 24). Para tanto, esse local não pode ser caracterizado pelo silêncio ou por uma só voz, a do professor que fala para 35 alunos, em cada aula; ele deve representar o diálogo e o pensamento crítico.

É preciso dar voz e vez ao aluno, despertando a curiosidade para o autoconhecimento, aproximando-o de práticas pertencentes à realidade escolar, como a pesquisa, de forma que a construção da identidade seja um processo independente, mas não solitário; original, porém que não negue as origens, ao contrário, intensifique os valores sociais e a própria cultura, resgate memórias e immortalize as conquistas alcançadas com a passagem do tempo.

Mais uma vez, ratifica-se a ideia de que educar não é sinônimo de transmitir conhecimentos, valendo-se da hierarquia imposta para o discente pela qualificação específica do professor. Aqui, retoma-se a sugestão de troca de experiências e promoção do saber em virtude da relação estabelecida entre professor, aluno e escola; analisando todo o passado histórico dessa tríade para tomada de decisões, com vistas a rever as ideologias e bases teóricas em que está estruturada. O resultado deveria ser a criação de um espaço plural de experimentação, de troca, de mistura de culturas, de diálogo e de respeito.

Assim, a escola deve ser receptiva às mudanças e deve oportunizar a aproximação dos alunos com as inovações tecnológicas, derrubando as barreiras do

tradicionalismo, do comodismo e do preconceito, preenchendo os vazios que separam as salas de aulas da realidade que se evidencia além dos muros: envolvente, dinâmica e atual – é a vida em atividade, com todos os movimentos, cheiros e cores, completamente influenciada pelos meios de comunicação de massa e por uma linguagem que se permite dialogar, já que a predominância da variedade padrão da língua, na escola, intimida o aluno e às vezes desconsidera todo o repertório de vivências que ele carrega no vocabulário que internalizou/assumiu.

A linguagem adotada pela escola pode ser motivo de desencanto e conduzir à evasão, uma vez que a sensação de incompreensão impossibilita o diálogo e segrega os integrantes do processo de aprendizagem. Como reflexo, há uma busca por meios externos, que se façam entender, que acolham e se aproximem do interlocutor. É dessa incapacidade de se sentirem pertencentes ao grupo que muitos estudantes se entregam à sedução trazida pelos novos aparatos tecnológicos (celular, notebook e vídeo game) e antigos eletrodomésticos, como é o caso do rádio.

O rádio se consolidou como um meio de comunicação popular, dinâmico e atrativo, por conseguir associar o entretenimento à informação, em programações diversificadas e acessíveis a todas as classes sociais, satisfazendo uma necessidade antiga de levar o conhecimento ao elevado número de analfabetos existentes no país, na década de 40.

Unindo esporte, música e notícias, logo recebeu propostas para divulgar eventos e produtos, gerando receitas para investir em tecnologia e arte; o resultado foi a criação de programas carismáticos, que cativaram pela certeza de distração e espaço para a exposição da cultura, promovendo a profissionalização da música, a comercialização de imagens, geração de empregos, criação de novos ídolos e mudança de hábitos.

O cenário cultural brasileiro se alterou com a chegada do rádio, que lançou nomes de grandes artistas na trajetória da dramaturgia, da música e até da locução, marcou vidas e determinou condutas comportamentais, no sentido em que estabelecia moda e influenciava o gosto dos ouvintes. Vale ressaltar que não foi superado por avanços

tecnológicos, como o surgimento da televisão, que trouxe imagem a todas as falas, mas exigiu a atenção do telespectador, em oposição à liberdade oferecida pelo pequeno aparelhinho portátil de som, que conduziu a sua evolução para adaptação à cultura digital, refletindo na incorporação a outros aparelhos, como o celular, com transmissão também via internet e participações cada vez mais intensas.

É dessa história de sucesso que se visualiza um recurso de intervenção pedagógica no processo de aprendizagem, com vistas a expandir o senso crítico e melhorar a produção de texto dos alunos do Ensino Fundamental II, a partir da interpretação e percepção dos diferentes gêneros textuais que compõem uma programação de rádio: canção, anúncio publicitário, notícia, recado, horóscopo, piada, radionovela, entrevista e enquete.

Além do caráter educativo, é possível perceber a importância desse trabalho como um espaço aberto às reflexões cotidianas, apontando para a renovação da transmissão e recepção de mensagens e aprofundamento nos processos de produção e de conteúdo (CAMPELO, 2010, p. 98).

O objetivo é aproximar os alunos da comunidade, da linguagem escolar e da realidade social, pela própria cultura, utilizando o rádio como suporte de comunicação e meio de enriquecer a aula de Língua Portuguesa, possibilitando o desenvolvimento prático de diferentes gêneros, pela competência do discurso, à medida em que capacita para o diálogo e para a inserção social.

Para tanto, é preciso ter em mente que o rádio, como todo suporte, não é neutro e influencia diretamente na organização social, trazendo uma carga de valores e intenções que privilegiam a constituição de alguns gêneros.

Pensando na questão da linguagem, explora a oralidade em um discurso amplo de recepção, porém com base na escrita organizada de um roteiro, base do trabalho auditivo criativo. Não há dicotomia entre fala e escrita, o que ocorre, em linhas gerais, é um processo de concepção e integração entre os gêneros que compõem a programação, com a liberdade de uma repercussão oral balizada por estratégias que possibilitem a compreensão do interlocutor, segundo uma proposta bastante

tendenciosa. Os gêneros<sup>2</sup> seriam o resultado final de ações intencionais de subordinação do discurso às situações sociais, com destaque para a eficiência da comunicação.

Diante dessa constatação, surge o questionamento a respeito de quais gêneros devem ser priorizados no ensino da língua materna, a fim de preparar o aluno da escola pública para a vida em sociedade, em igualdade de condições com as camadas dominantes, para inserção no mercado de trabalho e acesso aos melhores segmentos sociais. Então, quais gêneros seriam mais adequados e interessantes para desenvolver o senso crítico, elevar o nível cultural e promover a ascensão social, do ponto de vista do aluno? E que elementos podem ser explorados para a aplicação prática desses gêneros?

As respostas ainda não são claras para os estudiosos da língua e nem simples para os professores. O que parece ser unânime é a certeza de uma supervalorização da escrita em detrimento da fala, assim como uma posição de superioridade da norma culta em relação às demais variantes da língua, evidente no caráter predominantemente normativo da língua padrão nas gramáticas do Português.

Esse desprezo à variação linguística e a desvalorização da fala são mantidos em propostas pedagógicas que tentam apagar as marcas culturais e subjetivas trazidas pelos alunos, sem sequer falar sobre adequação da língua às diversas situações comunicativas, considerando, por exemplo, o grau de escolaridade, intimidade e descontração dos interlocutores.

Outra questão que precisa ser lembrada é a limitação do professor quanto à escolha do conteúdo e do material didático, uma vez que há um livro adotado em toda rede de ensino (estadual e municipal) e documentos oficiais determinando práticas de ensino, que desconsideram particularidades de cada escola ou mesmo preferências do educador em relação à sequência e à metodologia de trabalho.

Na realidade, aqui há um problema de ordem metodológica paradoxal: por um lado, quando os PCNs propõem conteúdos programáticos mostram-se inevitavelmente redutores e, por

---

<sup>2</sup> O conceito de gênero será mais propriamente abordado no subcapítulo 4.1.

outro, quando concretizam as ações, tornam-se homogeneizadores, sugerindo que todos os professores trabalhem determinados fenômenos (MARCUSCHI, 2008, p. 211).

Tentando resolver esse conflito, retomamos a figura do educador com potencial para sugerir e motivar a criatividade na resolução dos problemas e na aceitação às diferenças, trabalhando com a leitura e a escrita como ferramentas para a transformação da mentalidade, interiorizando o sentimento de pertencimento em relação à comunidade e ao mundo, pois ainda reproduzimos valores de que essas práticas estão voltadas apenas para as disciplinas escolares.

Uma vez que o objetivo é incluir e desenvolver habilidades, o aluno deve ser estimulado a trazer para a sala de aula a própria realidade, percebendo que a escola acolhe e lhe apresenta novos olhares para um mesmo referencial, assim como aproxima situações diversas que requerem uma ação racional.

O passo seguinte é abrir espaço para as discussões a respeito do que é determinado como prioridade no ensino, possibilitando a mudança naquilo que constitui o currículo base da educação nacional e nas práticas pedagógicas, promovendo um estreitamento entre o que determinam os planos curriculares e o conhecimento fomentado na instituição escolar. Logo, termos e nomenclaturas seriam deixados para os estudiosos da língua, e a aplicação prática desses conceitos seria abordada com os alunos, para que fossem capazes de fazer inferências e reconhecer situações que já vivenciam; é o que se sugere com o estudo dos gêneros em uma abordagem prática de criação de uma rádio escolar, que

[...] propicia ao aluno um olhar amplo sobre os meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento dos seus direitos e deveres. (...) o aluno pesquisa e lê mais, ampliando sua visão de mundo, além de aprender a debater, questionar, discutir, configurando assim, o desenvolvimento do senso crítico e o exercício de desenvolvimento da cidadania (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 15).

Como o produto final é a construção de uma programação diária que simule o diálogo da comunidade escolar com a sociedade, preenchendo os espaços de silêncio onde ecoa a ignorância e a preguiça, o estudo dos gêneros se torna

exigência para a compreensão de cada um dos textos que compõem a estrutura do projeto. Na mesma medida, sustenta a possibilidade prática de união de muitas falas e exposição criativa da pesquisa dialógica entre passado, presente e futuro da figura do rádio, com potencial para sanar a carência de informação e promover o desenvolvimento da oratória e do relacionamento interpessoal.

O diferencial da abordagem conceitual de gênero no ambiente escolar, quando comparado a sua ocorrência natural na sociedade, está no fato de superar a estratégia de “ferramenta de comunicação” para assumir a posição de “objeto de ensino/aprendizagem”. Essa postura se configura pelo distanciamento da realidade para o estudo isolado de situações possíveis de diálogo, justificada pela necessidade de se estabelecer uma sequência hierárquica do conhecimento institucionalizado, que geralmente segue a ordem: “descrição, narração e dissertação”.

A crítica feita acima parece perder o sentido quando o estudo é desenvolvido por intermédio de recursos que exploram a autonomia e a criatividade da produção textual, tendo um único direcionamento: a comunicação. Aqui, a figura do rádio se destaca como sugestão para as aulas de produção de texto, a fim de garantir a interlocução, pensando na atração que esse veículo exerce sobre os adolescentes, além de promover a tão esperada diversificação da escrita.

Da forma como está sendo sugerida, a inserção do rádio no ambiente escolar, rapidamente, faria aflorar novas perspectivas de análise dos gêneros discursivos, permitindo conceitos mais simples e concebidos naturalmente a partir da prática.

Assim, resgatar-se-ia

[...] o papel central dos gêneros como objeto e ferramenta de trabalho para o desenvolvimento da linguagem: toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem (KOCH, 2005, p. 58).

Marcuschi faz uma leitura histórica do aparecimento do termo gênero e evidencia o valor atribuído a esse estudo que atualmente vem despertando o interesse de áreas

distintas do conhecimento, como a Sociologia, a Linguística e a História, por seu caráter cultural e multidisciplinar.

Como elemento indissociável “da estrutura comunicativa de nossa sociedade”, “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral” (MARCUSCHI, 2008, p. 149). Dessa forma, induz a reflexão para um comparativo do estudo dos gêneros com a percepção do funcionamento da sociedade, apontando em ambos uma recorrência de situações e resultados, como se a intertextualidade e a própria comunicação direcionassem os interlocutores a estratégias comprovadas para a conquista dos objetivos.

É exatamente essa padronização que caracteriza e individualiza os gêneros, categorizando-os, principalmente, segundo a função, como afirma Marcuschi (2008, p. 150): “todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”.

Apesar do entendimento da distinção dos gêneros pela função, não pode haver um desprezo em relação ao estudo da forma, ainda que essas características sejam tão evidentes e conduzam, muitas vezes, a uma descrição automática, pois a forma é uma diretriz simples para um estudo superficial e reflete bem outros conceitos relativos à intencionalidade e à situacionalidade. Pensando de maneira mais objetiva, é uma metodologia passível de ser compreendida pelo aluno, por seu caráter naturalmente didático: estabelecer pontos comuns entre os textos, partindo da estrutura, da apresentação visual e da estética.

Também é importante entender que os gêneros atendem às necessidades de comunicação verbal e, de modo mais amplo, às exigências de interação social; mas são tantos, que dominar com perfeição todos é utópico, e ignorância tentar afirmar que esse conhecimento aprofundado de alguns gêneros significa bom desempenho linguístico ou domínio discursivo. Trazendo um discurso mais aprofundado, Marcuschi diz que: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma

forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Seguindo essa linha de raciocínio, o estudo dos gêneros é uma possibilidade de enriquecimento, pelo poder de adaptação da língua às múltiplas atividades comunicativas, que permitem a subjetividade, a criatividade e a autonomia, mesmo que direcionadas para fins específicos e recorrentes. Também é uma forma de poder e julgamento, por permitir que a ausência de conhecimento e habilidade para executar determinado gênero discursivo seja evidenciada; assim como o desempenho para desenvolver gêneros considerados de grande complexidade e prestígio ganhem espaço na apresentação pessoal.

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia (MARCUSCHI, 2008, p. 161).

Dialogando com essa afirmação, observa-se a ausência do verbo excluir na definição de gênero, ao evidenciar a capacidade de controle social e exercício de poder. Contudo, fica implícita a ideia de exclusão e de distanciamento entre as pessoas quando considerado o acesso e o domínio da produção textual, por exigir conhecimento e prática de utilização da língua padrão, além da habilidade de adequação da linguagem às diferentes situações comunicativas, desde a abordagem do vocativo até o emprego de elementos coesivos no interior do texto.

Esses casos configuram uma fragilidade para aqueles que possuem pouca escolaridade, ou mesmo nenhuma formação, que lhes permita redigir, por exemplo, uma ata de reunião de condomínio, ou textos mais simples como uma notícia para publicação nas redes sociais, ou uma representação oral das reivindicações dos alunos para a festa de formatura.

É nesse ponto que se consegue pensar o valor da escola como local de discussão e circulação do conhecimento padronizado, como o acesso à leitura, à escrita e à

interpretação de textos, aproximando a imagem do homem a todos os tipos de diálogos sociais; e por que não dizer, proporcionando o letramento?

Letramento é uma tradução da palavra inglesa *literacy*, que segundo Roxane Rojo é desenvolvimento, performance que

[...] busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outras maneiras, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Concluindo que a maior preocupação está no entendimento dessa expressão como interação que parte da compreensão daquilo que rodeia e constitui o horizonte do educando na sociedade, de forma que seja capaz de atuar e se desenvolver como cidadão. Para tanto, a escola deve ser vista como um dos ambientes de reprodução das situações características da nossa sociedade, não deve assumir a postura de único local de aplicação e experimentação do conhecimento ao qual se submete a criança.

#### 4.1 OS GÊNEROS EM DIÁLOGO

Presença frequente nas aulas de Língua Portuguesa, a expressão gêneros do discurso ainda é motivo de dor de cabeça para muitos alunos e de desgosto para um número significativo de professores. A explicação é simples, se considerarmos a definição de gênero trazida pelo livro didático e a aplicação descontextualizada que é feita nas escolas de Ensino Fundamental, anulando qualquer relação com a necessidade de comunicação por meio de práticas sociais, para atender a uma constante simulação de atividades diversificadas da escrita.

Ingedore Koch (2005) cita Bakhtin para despertar a reflexão a respeito da pluralidade de atividades humanas e da utilização da língua. Descreve a subserviência dos métodos empregados para se atingir objetivos da comunicação; nesse sentido, adota a definição de “formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo” (p. 54) para gênero, cuja marcação é feita “sócio-

historicamente” e resulta em traços distintivos temáticos, composicionais e estilísticos, justificando a sua diversidade.

É importante assinalar, contudo, que a concepção de gênero de Bakhtin não é estática, como poderia parecer à primeira vista. Pelo contrário, como qualquer outro produto social, os gêneros estão sujeitos a mudanças, decorrentes não só de transformações sociais, como aquelas oriundas de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, mas também de modificações do lugar atribuído ao ouvinte (KOCH, 2005, p. 54).

Essa possibilidade de adaptação dos gêneros à realidade, trazida pela autora, confere ao conceito um posicionamento atemporal e permite a fundamentação deste trabalho de forma eficiente, já que tem por base a melhoria do ensino da Língua Portuguesa, partindo da motivação para facilitar o processo de produção de textos, pela criação de uma rádio escolar.

Por isso, é preciso desenvolver estratégias que facilitem a percepção dos alunos em relação à aplicação prática dos gêneros, não apenas no sentido de capacitá-los ao reconhecimento e diferenciação dos textos, mas para que estejam aptos à utilização diária, sem qualquer intimidação que possa inibir ou bloquear a participação cidadã.

Esse raciocínio retoma o conceito de letramento e valoriza a formação do aluno como cidadão, participante da construção da própria sociedade, visando à inclusão, por intermédio da divisão de responsabilidades no desempenho da “leitura de mundo” com toda família e com a comunidade em está inserido, concluindo que a maior preocupação está no entendimento dessa expressão como interação que parte da compreensão daquilo que rodeia e constitui o horizonte do educando, de forma que seja capaz de atuar e se desenvolver na sociedade.

Assim, a escola deve ser vista como um dos ambientes de reprodução das situações características do meio, não deve assumir a postura de único local de aplicação e experimentação do conhecimento ao qual se submete a criança. O professor de Língua Portuguesa também não pode tomar para si a responsabilidade de capacitar o aluno com competência para responder a todos os tipos de gêneros; porém, pode e deve promover situações de familiaridade do aluno com os gêneros mais comuns

da sociedade contemporânea, sem deixar de instigá-lo com os novos recursos tecnológicos, utilizando a agilidade, a praticidade e a maleabilidade em favor do próprio ensino.

Não se pode desconsiderar a curiosidade que incita a criança e move o adolescente, muito menos desprezar a criatividade e a urgência de experimentação do novo que conduz ao desejo de independência e destaque pela subjetividade. É preciso trabalhar com a ideia de promoção social, com a inquietude e com a vontade de pertencimento a um mundo que está em constante mudança. Então, por que não ultrapassar o conceito de gênero e instigar o aluno com a intergenericidade, que segundo Marcuschi (2008) é a mescla de gêneros, em que um gênero assume a função de outro?

Com essa proposta, surge a necessidade de se repensarem as atividades normalmente utilizadas para se trabalhar o gênero textual na sala de aula. Por que tanta periodização e segmentação dos tipos de textos? Será que o processo de ensino por repetição de formatos e características é mesmo eficiente para desenvolver no aluno a competência de manusear conhecimentos? Será que o diálogo com os textos realmente ocorre de forma gradual?

Hoje, o aluno do Ensino Fundamental II tem acesso a meios de comunicação e tecnologias riquíssimos em informações e que apresentam uma configuração bastante diversificada na composição dos gêneros; logo, é perda de tempo ignorar as ferramentas tecnológicas e tentar seguir uma rotina conservadora na dinâmica das aulas. Em oposição à ideia de comodismo e simplicidade esperados, a utilização da tecnologia acaba gerando nos alunos uma satisfação pelo conhecimento mobilizado na dinâmica do ensino-aprendizagem.

Por isso a necessidade de se promover a interdisciplinaridade e aplicar atividades diárias de fomento do saber pelo manuseio dos gêneros. E o que se sugere aqui não é a proposta de trabalhar com projetos; há urgência em trabalhar a língua e as linguagens na prática, para que o diálogo com a comunidade e a sociedade como um todo realmente aconteça. Urge desenvolver um senso crítico que conduza a uma votação consciente, ou que habilite, por exemplo, ao preenchimento de um

formulário de estágio, com domínio suficiente para elaboração e envio de um currículo profissional, passível de resultar em uma entrevista de emprego.

## 5 GÊNEROS E GÊNIOS: UMA QUESTÃO DE SOM, ESTILO E ESCOLHA

A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 2002, p. 67).

Paulo Freire (2002) define amadurecimento como processo subjetivo e gradual, que deve ser estimulado por experiências que priorizem a autonomia, o respeito e a liberdade. Os mesmos princípios são valorizados e preconizados no processo de ensino e aprendizagem quando se espera que o resultado dessa experiência seja a ampliação das perspectivas de atuação a partir da interação com a realidade.

Em sua prática diária, o professor precisa permitir que as influências trazidas pelas relações sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelos alunos sejam mediadas por avanços tecnológicos para que a comunicação ocorra de forma natural, criativa e fascinante, explorando a globalização para enaltecer o repertório cultural de uma sociedade heterogênea.

Não se pode aceitar que as diferenças culturais sejam fatores de diferenciação social; ao contrário, devem ser ferramentas para a democratização do saber, proporcionando a troca de conhecimentos dentro do espaço institucionalizado da escola. Para tanto, é necessário promover a articulação entre a teoria e a experiência, superando o idealismo a partir da ampliação de habilidades de planejamento, com intuito de incentivar o pensamento crítico e uma postura atuante, que explore as possibilidades de linguagem e expressão.

A esse respeito, porém de modo bastante objetivo e simples, Paulo Freire afirma:

é absolutamente impossível democratizar a nossa escola sem superar os preconceitos contra as classes populares, contra as crianças chamadas “pobres”, sem superar os preconceitos contra sua linguagem, sua cultura, os preconceitos contra o saber com que as crianças chegam à escola. Sem abrir a escola à presença realmente participante dos pais e da sua própria vizinhança nos destinos dela (FREIRE, 1999, p. 127).

Novamente, retoma-se a necessidade de integração entre escola, família e comunidade, com intuito de expandir as possibilidades de recriação dos processos comunicativos, permitindo que os alunos possam reelaborar os conhecimentos teóricos compartilhados para aplicação prática, entendendo o encurtamento de distâncias e a instantaneidade das informações como elementos resultantes dessa sociedade em rede, sem, no entanto, minimizar o valor da diversidade cultural.

É preciso reforçar a interatividade com características peculiares da humanidade: a curiosidade e a afetividade, para que a busca por novidades se configure como prática constante e transforme alunos em multiplicadores de informações. Esse é exatamente o princípio que sustenta e garante o sucesso do trabalho com gêneros em uma atividade ousada de recriar na sala de aula a programação de uma rádio, explorando a leitura, interpretação e produção de textos, a partir da autonomia que evidencia a genialidade da subjetividade.

Além do caráter educativo, é possível perceber a importância desse trabalho como um espaço aberto às reflexões cotidianas, apontando para a renovação da transmissão e recepção de mensagens e aprofundamento nos processos de produção e de conteúdo (CAMPELO, 2010, p. 98).

A simulação de uma rádio tem que ser apresentada ao estudante como um desafio de cooperação, organização, humildade e percepção das aptidões individuais, resultando na evidente manifestação da criatividade e da diversidade textual, tendo por suporte a multiplicidade de vozes e gêneros. Sendo assim, há necessidade de se entender o valor do trabalho individual para construção do todo, além da sensibilidade para dar destaque às habilidades, sem deixar que a vaidade prevaleça, pois os detalhes na estruturação do roteiro nem sempre conferem visibilidade a quem confeccionou o texto, direcionando elogios ao emissor.

Essa também é uma excelente oportunidade para explorar as habilidades individuais e identificar talentos, caso não haja pressão e seja criado um ambiente de conforto para cada integrante contribuir com algo com o qual se sinta inteiramente seguro para desenvolver, seja criando parte do roteiro ou assumindo o papel de locutor. É uma proposta viável para unir a turma, criar um clima de cumplicidade, aplicar a interdisciplinaridade e discutir, de uma forma descontraída, temas transversais.

O roteiro deve ser apresentado aos alunos em uma aula reservada exclusivamente para isso, antes mesmo da aplicação da sequência didática destinada ao trabalho com os gêneros textuais, com vistas a explorar o universo da leitura, interpretação e produção de textos, trabalhando de forma concomitante com alguns conteúdos sintáticos.

A ideia é oferecer a proposta de criação da rádio simulada em sala de aula como possibilidade de construção da rádio escolar, tão desejada pelos alunos que sonham em ter a própria voz ampliada e vez na representação dos anseios, como ficou evidente após a aplicação do questionário, com a pergunta 12, que trouxe 89% das respostas a opção uma ótima ideia para a construção de uma rádio escolar.

É importante lembrar que a sedução para adesão à proposta de construção da rádio simulada deve ocorrer por desafio e promessa de substituição de uma das avaliações trimestrais, caso o resultado atenda às expectativas, já que a atividade prevê o envolvimento da turma de forma unânime, mobilizando conhecimentos de diversas disciplinas, além de um trabalho amplo de pesquisa.

Há necessidade, em um primeiro momento, de estabelecer parâmetros e regras para que haja organização. Assim, o professor precisa marcar a data de apresentação, estipulando tempo para duração da programação (aconselhável que seja de 30 a 35 minutos, para que não se torne cansativa), a partir da divisão da turma em dois grupos (respeitando as separações naturais por afinidades), sem esquecer de delimitar quais gêneros são imprescindíveis para a estruturação do programa.

Dessa forma, serão listadas pelos próprios alunos as propagandas, as músicas, as participações dos ouvintes, as previsões dos signos, o resumo diário das novelas, os recados do coração, as fofocas, o horário eleitoral, as entrevistas e as notícias (do trânsito, do esporte, de vagas de estágio, de cursos, de eventos culturais e da própria escola).

O professor deverá apenas definir a forma de abordagem de cada um deles, exemplificando que as músicas serão paródias criadas pelos próprios alunos ou

melodias autorais; os anúncios publicitários deverão se referir a produtos comercializados pela comunidade escolar; as notícias terão por base os informes da direção e da coordenação pedagógica; o horóscopo deverá trazer dicas diárias de comportamento, para cada um dos signos; o horário eleitoral será o espaço reservado para a disputa entre candidatos a líder de sala ou representante para a comissão de formatura; os recadinhos manifestarão as demonstrações de afeto entre os integrantes da unidade escolar; e o resumo de novela resgatará a essência da radionovela, em uma abordagem bastante literária de contos e crônicas que explorem a sonoridade e a criação de imagens, de forma que cada dia traga a dramatização oral de uma história, dividida entre os blocos, para aguçar ainda mais a curiosidade e despertar o interesse.

As entrevistas poderão ir ao ar sempre que houver um aluno em posição de destaque para contar sua experiência, como em situações de campeonatos ou concursos em que haja um ganhador na escola. Essas estratégias aproximam os alunos e criam oportunidades de trabalhar a argumentação, o poder de persuasão e o senso crítico, além de direcionar o diálogo para o debate de temas transversais que contribuem para a formação do caráter. Locutores e ouvintes precisam ser incentivados ao contato por intermédio inicial de interesses, proporcionados por promoções, para que essa relação se solidifique e ocorra, posteriormente, de forma mais espontânea, fluindo para um compartilhamento de experiências e de informações.

As piadinhas, charadas, orações e mensagens de otimismo devem ser incentivadas para compor o elemento surpresa, configurando personalidade a cada uma das rádios, já que uma mesma turma pode dar origem a mais de uma rádio, dependendo do número de alunos que frequentam as aulas. Na mesma medida, também deve haver um traço distintivo de criatividade assegurado por novidades e aptidões, evidenciados nas escolhas dos fundos musicais que darão origem aos jingles e vinhetas.

É importante deixar a cargo dos grupos a escolha entre fazer uma gravação com edição para ser exibida em sala de aula ou uma apresentação dinâmica ao vivo, sendo que a segunda opção deverá priorizar recursos sonoros produzidos por

instrumentos musicais e outros objetos manuais, como: apito, sino dos ventos, papel celofane, radiografia e coco seco, explorando ao máximo as onomatopeias, em oposição à tecnologia oferecida pela internet.

O aluno precisa compreender que programar um determinado som para ser executado pelo celular pode implicar em interferência de outros ruídos, como toque de aviso de chegada de mensagens ou mesmo chamada telefônica. Há também o perigo da ansiedade atrapalhar o manuseio do aparelho e isso refletir no desempenho do grupo. O uso do celular deve ser permitido e incentivado para os momentos de pesquisa e busca de exemplos a serem seguidos, como forma de facilitar a criação do estilo.

Se os integrantes optarem por gravar o trabalho, é necessário investir em edição e utilização de programas mais sofisticados, garantindo ao resultado final unidade das vozes e qualidade do som de fundo. Esse processo de escolha é mais uma oportunidade de assegurar a autonomia e o estilo de cada grupo, para desenvolver um trabalho com foco na dirigibilidade, já que o público é específico e há uma necessidade de reinventar o formato da programação para conferir personalidade, modernidade e um caráter plural, no sentido em que recebe influência de outras mídias e tecnologias para uma abordagem jovem e educativa.

## 6 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho teve por base as Pesquisas Qualitativa e Explicativa, com procedimento do tipo Observação Participante e uma Abordagem Indutiva, porém com algumas práticas da Pesquisa Bibliográfica, em virtude da complexidade da atividade proposta, da necessidade de conhecimento do grupo em análise, da reflexão sobre as variáveis envolvidas nos problemas expostos, da compreensão das particularidades e da necessidade de intervenção. Assim, o estudo foi dividido em 4 (quatro) etapas: busca de bibliografia, para atualização dos conhecimentos produzidos a respeito do assunto; estudo preliminar da região e da população envolvida, através de aplicação de questionário específico e interpretação qualitativa; análise crítica dos problemas do grupo em relação à produção de texto e abordagem de conteúdos pedagógicos, por intermédio de método observacional; e aplicação de um plano de ação: a construção de uma sequência didática, que possibilitasse a estruturação de uma rádio simulada, com vistas a produzir uma rádio escolar.

A investigação inicial partiu de um levantamento dos documentos oficiais e livros didáticos, com objetivo de elucidar questões relativas ao perfil que se espera das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, direcionando para uma busca por estudos sobre a utilização do rádio em propostas de ensino-aprendizagem de produção de textos, com intuito de registrar práticas bem-sucedidas no uso desse recurso eletrônico em sala de aula. O passo seguinte fundamentou-se no estudo da região onde está localizada a escola e identificação da população envolvida, no que se refere à estrutura tecnológica, social e econômica do grupo. Foram evidenciados registros escolares, visando ao conhecimento de outras ações desenvolvidas na mesma disciplina e ao reconhecimento de dados relevantes quanto à frequência dos alunos, ao índice de evasão escolar, à participação da família na escola e às intervenções pedagógicas.

Nessa segunda fase, foi discutido o projeto de criação da rádio simulada, como recurso estrutural para estudo de conteúdos básicos da linguagem e produção de diferentes tipos de textos, com a direção da escola, coordenação, equipe pedagógica, demais professores das turmas selecionadas e com os próprios alunos.

É importante ressaltar que conhecer a estrutura social do objeto de pesquisa foi fundamental para diferenciar os problemas, dificuldades e necessidades, permitindo ações posteriores bem mais focadas e embasadas, visto que possibilitou o desenvolvimento de atividades pontuais planejadas, envolvendo outros profissionais, para casos especiais de aprendizagem. O projeto contou com o apoio de professores de outras disciplinas, ampliando a extensão de abordagem e configurando ao trabalho um ar de veracidade pelo caráter científico e histórico.

A vivência e provocação dos envolvidos para exposição dos problemas e caracterização da realidade em que estão inseridos compôs a terceira etapa, que deu origem a um diagnóstico e discussão conjunta dos resultados obtidos por meio da observação, contato e desenvolvimento do projeto (quarta parte). O último momento buscou contribuir para a resolução dos problemas identificados, por meio de um trabalho conjunto de reescrita, alterações influenciadas pelas sugestões e exposição do resultado final para as turmas não contempladas pelo projeto. Nessa etapa, o trabalho em grupo, pesquisa, criatividade, comprometimento e organização foram bastante evidenciados, culminando na construção de uma rádio simulada, com foco no ensino, aplicação prática dos conhecimentos, interdisciplinaridade e entretenimento.

A proposta de criar uma rádio, por si só, já possibilitou o afloramento das subjetividades, a exteriorização das preferências e uma liberdade na fala, explorando a oralidade nas diferentes dinâmicas e atividades iniciais, sendo que o orientador/pesquisador tem a oportunidade de dar voz ao grupo e estimular a participação, como preveem os Planos Curriculares Nacionais.

O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. Organizar situações de aprendizado, nessa perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino (PCN, 1998, p. 22).

A iniciativa previa o envolvimento das turmas de nonos anos na confecção do roteiro diário, não excluindo a contribuição de outras séries e a participação de funcionários da escola, partindo de um veículo completo para trabalhar leitura, pesquisa, oratória, interpretação e produção de texto, tendo por base todas as aulas expositivas para a aquisição dos conhecimentos linguísticos e literários. A perspectiva foi oportunizar aos alunos aulas de Língua Portuguesa mais envolventes e participativas, com uma aplicabilidade imediata, além de uma identificação das aptidões e união da turma, já que todos ficaram responsáveis por uma tarefa e dependeram do desempenho dos demais componentes para estruturação do trabalho integral.

Resumindo, o estudo seguiu o pensamento de autonomia proposto por Paulo Freire, por entender que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p. 12).

## 6.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

O processo de investigação científica apoiou-se na abordagem indutiva, com destaque para o método observacional, uma vez que buscou observar o comportamento de um grupo de 33 alunos do nono ano da Unidade Municipal de Ensino Fundamental Professor Rubens José Vervloet Gomes, mais conhecida como Vila Olímpica, localizada no bairro Soteco, na cidade de Vila Velha, Espírito Santo.

Fotografia 1 – Frente da Escola Vila Olímpica



Fonte: Tirada pela autora, 2017.

Fotografia 2 – Pavilhão de salas de aula da escola



Fonte: Tirada pela autora, 2017.

Foram consideradas as experiências de professores e alunos durante as aulas de interpretação e produção de textos, de novembro de 2016 a abril de 2017, de forma a evidenciar a influência da percepção de mundo e a abstração da realidade.

É relevante registrar que a turma selecionada é mista e não apresenta nenhum aluno com necessidades especiais. A escolha da turma passou pelo critério de maturidade e comprometimento, apontados pelos professores que lidam diretamente com o grupo.

A escola funciona em dois horários: matutino e vespertino. Atende, atualmente, a 687 alunos do Ensino Fundamental II; é ampla, com um pavilhão de dois andares de salas, em formato de L; dispõe de um laboratório de informática com profissional de apoio e 27 computadores, quadra de esportes, campo de futebol, pista de atletismo (em reforma), um pequeno pátio descoberto, piscina, auditório que comporta 120 alunos, sala específica para experiências científicas, refeitório e uma biblioteca, porém com acervo bastante reduzido e com poucas obras contemporâneas.

A Vila Olímpica promove atividades de reforço de Português e Matemática para os alunos dos sextos e sétimos anos, além do projeto Mais Educação, que proporciona aos alunos do contraturno desenvolverem atividades artísticas e esportivas na escola, estendendo a carga horária.

Fotografia 3 – Biblioteca da escola



Fonte: Tirada pela autora, 2017.

Fotografia 4 – Laboratório de Informática da escola



Fonte: Tirada pela autora, 2017.

## 6.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

O estudo priorizou a pesquisa aplicada, com intuito de gerar conhecimentos para a aplicação prática de uma nova metodologia de trabalho de produção de texto. Do ponto de vista dos resultados esperados, a pesquisa foi explicativa, aprofundando-se na identificação das causas, análise, interpretação e explicação das situações observadas.

Buscando a coleta de dados, foi adotado o procedimento bibliográfico, para atualização dos conhecimentos produzidos a respeito do assunto; e a pesquisa participante, que permitiu a identificação da estrutura social, econômica e

tecnológica do grupo em análise, assim como as opiniões a respeito dessas influências, com objetivo de criar a rádio simulada e ultrapassar conceitos pré-concebidos sobre produção textual, entre os alunos do Ensino Fundamental II.

Essa técnica utilizou como ferramenta de apoio a coleta de declarações fornecidas pelos envolvidos no estudo em questão, através do preenchimento de questionário específico (APÊNDICE A), e interpretadas de forma qualitativa.

### 6.3 ANÁLISE DE DADOS

#### 6.3.1 Análise do Projeto Político-Pedagógico

Analisando o Projeto Político-Pedagógico da Umef Professor Rubens José Vervloet Gomes, elaborado na gestão do prefeito Neucimar Ferreira Fraga, com aprovação da secretária de educação Wanessa Zavarese Sechim, em 2012, foi possível resgatar dados históricos que fundamentam a estrutura da escola, assim como a postura que transmite em meio à comunidade.

A escola está localizada à Rua Almirante Tamandaré, s/n, no bairro Soteco, em Vila Velha. Ocupa um quarteirão inteiro e corresponde ao espaço físico do antigo campo do Santo Antônio Futebol Clube, cujo presidente e idealizador foi homenageado, dando nome à escola que inicialmente foi batizada de “Vila Olímpica”. Construída na administração de Jorge Anders e inaugurada em 2001, sob o olhar satisfeito da comunidade por receber um espaço de ensino com jornada ampliada para atender, inclusive, às demandas esportivas dos moradores do entorno, a escola recebe alunos de classes sociais distintas e completa o complexo de infraestrutura composto por supermercados, lojas, bares, padarias, farmácias, creches, igrejas e acesso aos meios de transporte.

Atualmente, a escola está em processo de reorganização, em virtude da mudança de direção, e segue as diretrizes da mestre em Educação em Ciências e Matemática, historiadora, pedagoga e especializada em Administração Pública, Christiane de Moraes Maia, que busca, junto à equipe docente, desenvolver um trabalho humanizador, participativo e consciente. Para tanto, tem incentivado

propostas de ações mais dinâmicas e de diálogo com várias linguagens, oportunizando o conhecimento da própria sociedade e a construção do cidadão crítico.

Como diferencial, a escola oferece à comunidade projetos que priorizam a prática de diferentes modalidades esportivas, com direito à utilização do espaço nos fins de semana (Projeto Escola Aberta) pela escolinha de handebol (pela manhã) e futsal (à tarde).

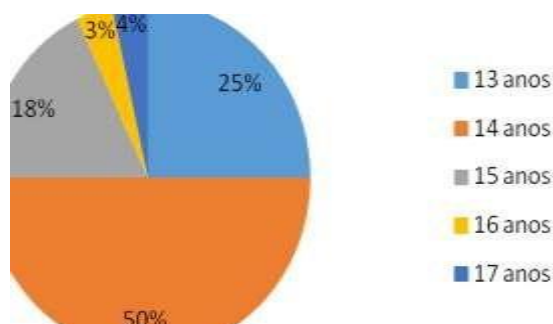
### **6.3.2 Análise da Aplicação do Questionário**

O questionário (APÊNDICE A) foi aplicado no dia 17 de outubro de 2016, no início da quarta aula do horário matutino, para a turma do então oitavo ano B, escolhida para participar do projeto inicial de utilizar a rádio simulada em sala de aula, como motivadora e facilitadora do processo de produção de textos, capaz de apresentar aos alunos os gêneros textuais mais comuns de uma programação, exercitando a criatividade na escrita e a revisão coletiva de textos.

O oitavo ano B foi indicado pela equipe pedagógica por ter se destacado, desde o ano de 2015, em comprometimento, integração, criatividade e maturidade, características essenciais a um trabalho que visa à continuidade.

O grupo selecionado era composto por 33 alunos, entretanto, em virtude de faltas, os dados coletados refletiram a opinião de 28 entrevistados, com idades que variavam dos 13 aos 17 anos, comprovando a diversidade e a defasagem idade/série que compõem o Ensino Fundamental.

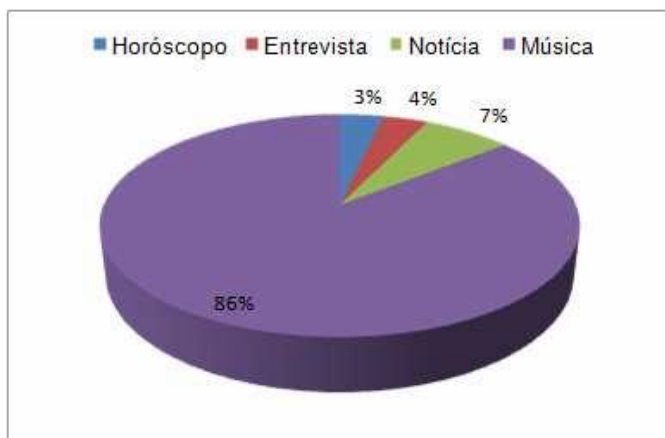
Gráfico 1 – Idade dos alunos envolvidos na pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O questionário indicou uma grande aceitação do rádio como veículo de comunicação entre os adolescentes entrevistados, já que 90% acompanhavam alguma programação radiofônica por pelo menos 30 minutos diariamente, e que desses, 68% ainda possuíam o hábito de escutar rádio pela internet e 96% pelo celular, enquanto desenvolviam outras atividades, como estudar, arrumar a casa, atualizar as redes sociais e brincar. Apenas 32% responderam que se concentravam na programação e, em geral, estavam interessados em ouvir músicas, opção que recebeu 86% dos votos. As notícias (7%), as entrevistas com personalidades (4%) e o horóscopo (3%) também foram citados, ainda que com pouca representatividade, como pode ser observado no gráfico 2. Chamou a atenção o fato de nenhum aluno ter marcado que se interessava por poder participar como ouvinte e ganhar prêmios, na pergunta de número 6 (Quando penso na programação do rádio, a parte que mais me interessa é a:).

Gráfico 2 – Preferência dos alunos entrevistados em relação à programação da rádio escolar



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A afinidade com o rádio, apontada como fator de proximidade, influencia positivamente no gosto de 54% dos entrevistados. Esse dado merece destaque, por confirmar a ideia de um recurso contemporâneo, apesar de seu quase centenário de existência no Brasil, coexistindo ao lado de grandes aparelhos eletrônicos e tecnológicos, como a televisão e o computador, que também exploram a sonoridade, porém fazendo uso das imagens, o que de certa forma limita o processo imaginativo do interlocutor.

É interessante ressaltar que um número significativo de entrevistados (57%) afirmou ser proibido ouvir rádio na escola, o que foi analisado como uma associação ao uso de fones de ouvido e celular em sala de aula. 39% afirmaram ser raro, e apenas 4% identificaram oportunidades em que isso acontece com frequência. Essa questão suscitou a reflexão para uma utilização ainda baixa de recursos simples, porém diferenciados dos conhecidos: quadro, pincel, livro didático, lápis e borracha, quando a escola apresenta espaço físico propício à fuga da rotina e a abordagens mais dinâmicas. A última pergunta do questionário reforçou essa ideia quando evidenciou que 79% dos alunos gostavam de aulas em que o professor utilizava recursos tecnológicos.

O dado anterior parece ter direcionado o raciocínio para as respostas posteriores, mostrando, na décima segunda questão, a incredulidade de alguns alunos (14%)

para a construção de uma rádio escolar e o sonho de quase todos os outros (79%) de um recurso que possa unir educação e diversão. Assim, 82% dos entrevistados afirmaram que o funcionamento dessa rádio deveria ocorrer em todos os turnos, nos horários de entrada, recreio e saída, ou seja, pelo máximo de tempo que fosse possível.

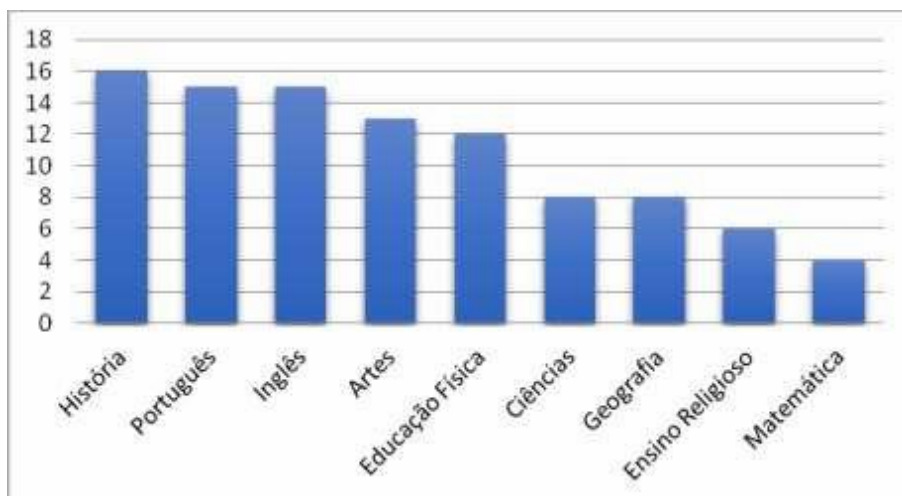
Gráfico 3 – Sugestão de funcionamento da rádio escolar, segundo alunos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Entretanto, apesar desse desejo de mudança, de modernização e de distanciamento da rotina, há uma compreensão bastante rasa, por parte do aluno, do termo educação, comprovada pelo estreito reconhecimento do potencial do rádio para trabalhar as diversas áreas do saber e a possibilidade de construção da identidade, tanto que 54% registraram que a rádio escolar poderia ajudar na formação do aluno, promovendo um ambiente de interação e lazer. Aqui, é possível ressaltar que a ampliação do repertório cultural e do conhecimento de mundo ficaram em segundo plano.

Gráfico 4 – Áreas do saber que podem ser abordadas em uma rádio escolar, segundo opinião dos alunos



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Os alunos demonstraram não conseguir identificar a importância de disciplinas como a Matemática, o Ensino Religioso, a Geografia e a Ciência na programação diária de uma rádio, já que a décima terceira questão permitia a marcação de quantos itens quisessem, e essas disciplinas foram pouco registradas. Isso gerou a dúvida de a dificuldade ser só de reconhecer essas matérias escolares na transmissão radiofônica ou se há mesmo uma desvalorização dos saberes específicos, como se o aluno não conseguisse fazer a transposição da aula para a vida prática.

Esse questionamento foi esclarecido após observação das aulas e aplicação das oficinas de produção de textos, que evidenciaram uma prática infeliz de estudo apenas em véspera de atividades avaliativas, com objetivo exclusivo de decorar conteúdos para atingir uma boa pontuação, sem consciência dos benefícios da apropriação de novos conhecimentos para uma aplicação cotidiana. Os alunos deixaram transparecer a concepção de que os conteúdos escolares são selecionados para cumprir um protocolo, um plano de ensino sem ampliação das finalidades. Como tal, devem ser esquecidos.

Essa conclusão fortaleceu o ideal de criação de uma prática de trabalho capaz de desenvolver o senso crítico dos alunos, potencializando a integração entre a escola, a comunidade e o mundo, pelo domínio da linguagem. Por fim, associado a esse desejo, o questionário ratificou o ideal de criação da rádio na escola como um

incentivo à produção textual, já que a maioria dos alunos entrevistados (54%) partilhou da mesma opinião, sendo que 7% não responderam e 32% não conseguiram se decidir a respeito do assunto. Apenas outros 7% não acreditavam na proposta.

#### 6.4 O PRODUTO EDUCACIONAL

O Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ofertado em rede nacional aos graduados em letras que estejam lecionando Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, é um curso de pós-graduação stricto sensu que visa à capacitação de docentes em nível de mestrado profissional, com intuito de aumentar a qualidade do ensino e desenvolver nos alunos habilidades de leitura, de interpretação e de produção textual, promovendo a participação cidadã.

A proposta tem por objetivo reduzir a evasão escolar na rede pública de ensino, a partir de abordagens práticas do conceito de multiletramento<sup>3</sup> e de estudos de estratégias criativas, críticas e interdisciplinares, que direcionem a postura pedagógica e resultem na construção de ferramentas didáticas. Para tanto, qualifica os mestrandos para o trabalho com a heterogeneidade, explorando a sensibilidade, a experiência e a adequação do conhecimento internalizado, de forma a mobilizar funções metacognitivas da língua, assim como habilidades para a abordagem de diferentes gêneros, com vistas a expandir o imaginário e o repertório cultural dos alunos, pelo simples contato com a Literatura e seu universo mágico.

FREIRE et al (2006) sintetizam bem a proposta do mestrado profissional quando afirmam que

---

<sup>3</sup> Roxane Rojo (2012) apresenta o conceito de multiletramentos para dois tipos específicos e importantes de multiplicidades presentes em nossa sociedade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos, por meio dos quais essa mesma sociedade se informa e se comunica.

A multiplicidade de culturas se refere às produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos, que também se caracterizam em campos distintos, conhecidos como popular, de massa e erudito, que ocorrem por um processo de escolha pessoal e política e de hibridação de produções diversas. Já a multiplicidade de linguagens, modos ou semioses está presente nos textos em circulação social, seja nos impressos, nas mídias audiovisuais, digitais ou não.

[...] o Mestrado Profissional em Ensino é caracterizado por viabilizar uma formação docente que permite aos professores uma reflexão sobre suas práticas a partir dos próprios cenários de suas atuações profissionais. Um dos elementos característicos desse tipo de mestrado é a possibilidade da elaboração e aplicação de produtos educacionais que visam atender as demandas encontradas pelos próprios professores (FREIRE et al, 2006, p. 101).

Assim, buscando atender às expectativas do Profletras de gerar um produto pedagógico e otimizar o tempo e a disponibilidade dos profissionais envolvidos neste projeto de pesquisa, foi organizada uma sequência didática, partindo dos estudos de Dolz e Schneuwly (2004), que justificam esse aparato como um recurso que tem “a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto” (2004, p. 83), como forma de melhorar a comunicação, adequando a linguagem às diversas situações interativas. O objetivo inicial era construir uma rádio escolar como produto final, contudo, as limitações da escola não permitiram essa ação em tempo hábil, por exigirem uma estrutura de som específica e fixa, pensando no uso diário.

Como a unidade de ensino passou por um processo de troca de direção e alteração de alguns membros da equipe docente, as prioridades da gestão também foram modificadas, o que refletiu em um direcionamento da verba para situações emergenciais e de cunho estrutural, retardando a implantação de alguns projetos que necessitassem de manutenção técnica e compra de equipamentos eletrônicos.

A solução encontrada foi adaptar o trabalho para o uso de outras ferramentas, como a internet, que despertassem o interesse do aluno, possibilitassem o crescimento da proposta e dessem visibilidade ao trabalho final. Assim, a atividade ganhou proporções que superaram as expectativas e resultaram na criação de dois blogs, pelos próprios alunos participantes do projeto, concretizando a simulação apresentada após o desenvolvimento das oficinas estabelecidas na sequência didática. A visualização das duas páginas, pelos endereços [ev167871.wixsite.com/radiobananal](http://ev167871.wixsite.com/radiobananal) e [maysasouza951.wixsite.com/radiomandela](http://maysasouza951.wixsite.com/radiomandela), facilita a compreensão do trabalho de forma integral e demonstra a criatividade, a união e o interesse do grupo, para que o trabalho não sobrecarregasse ninguém e ainda mobilizasse habilidades individuais para a configuração gráfica.

A sequência está estruturada em oficinas, com delimitação do tempo de duração, objetivos e recursos necessários (material), além de especificação das atividades propostas que direcionam o percurso de criação da rádio simulada em sala de aula, como recurso para a construção diária de programas para a rádio escolar. A proposta é incentivar outros professores a promoverem um ponto de intercessão entre o aluno, a comunidade e a escola, em um estudo com gêneros textuais, leitura, interpretação e produção de textos, que explore a autonomia e sirva de motivação para o aprendizado da língua portuguesa.

É válido ressaltar que a diversidade de ações reflete em múltiplos resultados, como a construção de um blog ou da rádio escolar; possíveis desdobramentos, por exemplo o aprofundamento no estudo de provérbios e ditos populares; e requer um dinamismo para que haja boa receptividade e envolvimento total do público-alvo. Por isso, é importante fazer um acompanhamento do desenvolvimento processual de cada oficina, observando a necessidade de reestruturação e ou substituição das atividades propostas, em virtude da dificuldade de compreensão ou transposição da aula teórica para a abordagem prática.

Como a ideia é despertar o senso crítico e o olhar humanizador para promover a leitura de mundo e formar cidadãos capazes de interagir e modificar a realidade em que estão inseridos, ao trabalhar com diferentes gêneros na exposição de eixos temáticos diversos, a observação da participação de cada aluno irá revelar aspectos relativos a limitações, a aptidões, a medos, a crescimento e a problemas oriundos das relações interpessoais. Esses dados devem ser registrados, pois servirão como abertura para a participação de outros profissionais da equipe escolar.

#### **6.4.1 A Aplicação da Sequência Didática**

A sequência didática foi estruturada pensando em direcionar o trabalho de construção da rádio simulada em uma abordagem mais ampla das três frentes da Língua Portuguesa – Gramática, Literatura e Produção de texto –, com intuito de desenvolver aulas mais atraentes e interativas, sem perder o foco de criação da rádio escolar.

Foi elaborada como um plano de aplicação com previsão de quatro meses de duração, que deveria iniciar em novembro de 2016 e terminar em abril de 2017, respeitando o recesso de fim de ano e férias escolares (período que vai de final de dezembro a início de fevereiro).

A proposta era desenvolver o estudo a partir da aplicação de oficinas de produções de textos que viabilizassem o estudo dos diferentes gêneros que compõem a programação de uma rádio. Isso, porém, de forma dinâmica, ativa e interdisciplinar, promovendo o conhecimento aprofundado das características da comunidade, no que se refere à cultura, à economia, à política de funcionamento e às relações sociais que norteiam a região; conquistando a simpatia, a confiança e o apoio dos moradores para o estabelecimento do projeto.

Entretanto, a dinâmica de distribuição das aulas não facilitou a troca do horário entre os professores, o que impossibilitou a realização das oficinas pela professora de Português com uma turma com a qual não trabalhava. Também não houve tempo hábil para capacitar a professora que já ministrava a disciplina para aplicar as atividades. A solução encontrada foi adiar o início do projeto na escola, deixando para 2017 a abordagem com a turma do nono ano, cuja regente fosse a própria professora de Língua Portuguesa.

O ano de 2017 trouxe o fechamento de turmas na escola selecionada, o que resultou na divisão da carga horária de trabalho da professora com uma nova unidade de ensino municipal: UMEF Paulo Mares Guia, localizada no bairro Cobilândia, em Vila Velha. Assim, as 25 horas de trabalho do turno matutino foram distribuídas em 5 horas de planejamento, 5 horas de projeto e 15 horas de sala de aula, ministrando Língua Portuguesa para 3 turmas de nono ano, sendo uma da Vila Olímpica e duas do Paulo Mares Guia.

Com essa nova configuração do contrato de trabalho, e pensando em facilitar a abordagem de alguns conteúdos, o projeto foi levado às duas escolas, porém de forma mais limitada, em decorrência da falta de tempo para ser discutido e compartilhado com os demais profissionais da escola, havendo apenas uma

aprovação das equipes pedagógicas e o consentimento das direções e coordenações escolar.

A parceria proposta com os outros docentes, buscando o enriquecimento da exposição dos temas, assim como uma expansão do diálogo e produção textual, foi realizada na base da cooperação, sem muito planejamento prévio e na medida do possível, já que há um calendário anual prevendo datas de reuniões, conselhos de classes, feriados e eventos escolares que somados às exigências dos planos de ensino limitam ainda mais a postura de cada professor para o desenvolvimento de ações multidisciplinares. Parece haver algum problema com essa fala, gerando um erro semântico, pois é de conhecimento geral o discurso da necessidade de um trabalho interdisciplinar, entretanto, a teoria ainda está sendo postulada sem muita análise da prática, talvez por desconsiderar os efetivos integrantes desse cenário: professores, alunos, pedagogos e coordenadores.

Também não há interesse, olhando de forma ampla, por parte da administração pública, em capacitar o profissional para um trabalho que questione as estruturas existentes ou que desperte o senso crítico dos alunos para a pobreza de recursos disponibilizados – considerando até a valorização dos profissionais envolvidos –, quando há uma arrecadação municipal alta e uma distribuição incoerente das verbas.

A ideia parece ser manter um perfil de dificuldades econômicas para justificar a desvalorização do saber e continuar exigindo uma postura heroica do professor que ainda levanta a bandeira de amor à profissão, trabalhando em três horários e estudando nos fins de semana para conseguir alguma progressão salarial.

Mesmo ciente desse jogo sórdido de interesses, o projeto foi desenvolvido com muito cuidado e contou com o apoio dos colegas de trabalho, por enxergarem a capacidade de auxiliar na formação do aluno como cidadão crítico e atuante, a partir de relações de interdisciplinaridade em que pese o diálogo com os diferentes tipos de textos, em uma leitura ampla da realidade.

Essa integração foi percebida pelos alunos, o que refletiu em uma divisão de responsabilidades e otimização do tempo destinado às aulas expositivas, coleta de dados e análise dos resultados, ajudando bastante na criação de uma imagem séria, ao mesmo tempo que atraente e vantajosa para o grupo, pela possibilidade de ocupação de alguns espaços com a rádio escolar, vislumbrando voz e vez na participação do processo educacional.

A sequência didática foi reformulada durante o mês de fevereiro e começou a ser aplicada no finalzinho do mesmo mês, com a criação de um vídeo em homenagem ao dia da mulher. Os alunos tiraram fotos das colegas de classe, professoras, serventes e funcionárias da secretaria e montaram um vídeo, tendo ao fundo a música *Sexo Frágil*, de Erasmo Carlos.

Fotografia 5 – Homenagem ao dia da mulher: Alunas da Umef Paulo Mares Guia



Fonte: Tirada pelos alunos do nono ano B, matutino, 2017.

A ideia inicial de abrir o projeto com uma visita técnica à Rede Gazeta – maior e mais antigo grupo de comunicação do Espírito Santo, fundado há quase 90 anos (1928) –, oportunizando aos alunos o contato com a rotina de diversos meios de comunicação, já que essa empresa capixaba coordena dois jornais impressos diários (A Gazeta e Notícia Agora), oito rádios, um portal de notícias (Gazetaonline), um portal de anúncios online (Classificações), um acervo de fotos jornalísticas

(Agência AG), quatro emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo e o portal G1/GE de notícias locais (também afiliado à Rede Globo), não pôde ser desenvolvida, porque não havia ainda verba para visitas técnicas nas escolas e não é permitido pedir ao aluno que custeie a própria passagem.

A Rede Gazeta é uma empresa de destaque no estado, principalmente pela visibilidade, influência e participação social, além de ocupar posição privilegiada no imaginário de crianças e adolescentes capixabas, como local de trabalho dos sonhos de todos aqueles que almejam um lugar nas telinhas, passarelas e outdoors, um passo para a fama e o sucesso. Todavia, com o estudo em andamento, a opção dos alunos, quando sugeriu-se a visita, foi ir ao cinema assistir Mulher-Maravilha. A sessão de cinema ocorreu no dia 04 de julho, última terça-feira antes da semana de recesso escolar, e foi justificada como uma oportunidade de sair da rotina, entrar em contato com outros ambientes propícios à aprendizagem, dialogar com um texto em formato diferente do convencional e agradar aos alunos.

#### **6.4.2 A Sequência Didática em recorte: as oficinas**

##### **Oficina 1: Música**

A música foi um dos maiores responsáveis pela rápida aceitação do rádio como veículo de comunicação de massa e opção de entretenimento, que desencadeou um processo de divulgação cultural. Como gênero textual, foi explorado o formato híbrido da canção, considerando a relação entre texto e melodia (tendo por base o ritmo e, no caso do rádio, o acompanhamento de instrumentos musicais), marcada pela exposição da sentimentalidade, pelo olhar subjetivo e por fortes traços poéticos, pensando na sonoridade e na abundância de figuras de linguagem que emprega.

Também é possível abrir um parêntese e englobar o estudo das vinhetas e jingles, tão frequentes nas aberturas de programações radiofônicas, nesta proposta de trazer a música para a escola, como estratégia pedagógica. “Na linguagem do audiovisual, a vinheta pode ser entendida como uma criação sonora de duração curta e caráter marcante, que serve, antes de tudo, para identificar uma emissora ou atração radiotelevisiva” (CONSANI, 2007, p. 101).

O mesmo autor fala de jingles, aproximando a imagem comercial da peça musical, citando o “apelo popular”, a “estrutura melódica previsível”, a “letra simples” e o uso de “fórmulas estilísticas repetitivas” (CONSANI, 2007, p. 102) com o intuito de facilitar a memorização e promover a aceitação imediata do ouvinte. Essa análise deixa bastante claro o potencial criativo dos gêneros, reforçando a ideia de originalidade e sedução que se pretende levar para o momento de produção textual, além de permitir a personalização da atividade de criação da rádio escola. Ora, não é exatamente personalidade o que todo professor espera dos seus alunos? E esse mesmo resultado não é traduzido pelos alunos como produto concreto de uma atividade escolar? Essas duas questões se misturam na confirmação de uma ânsia coletiva: aulas dinâmicas, participativas e sugestivas.

Trabalhar com a música em sala de aula não é novidade quando se fala em explorar recursos que tenham potencial educativo e de grande aceitabilidade entre o público adolescente e jovem. A questão é como utilizar canções superando a previsibilidade de atividades de leitura, audição e interpretação de texto, ainda incorporando ritmos pouco conhecidos dessa faixa etária e redescobrendo clássicos da cultura brasileira? A opção escolhida foi construir paródias, desenvolvendo a marcação sonora das rimas, a divisão em estrofes, a sugestão de imagens pelo uso das figuras de linguagem e a contextualização das letras às discussões sociais contemporâneas.

Trazer a música para o ambiente escolar é uma estratégia para desenvolver a percepção auditiva, aprimorar a sensibilidade, expandir o vocabulário e promover a interface interdisciplinar, no sentido em que requer um estudo histórico da música, resgatando nomes dos grandes compositores e dos maiores movimentos artísticos, além de oportunizar o acesso à cultura, pelo conhecimento dos gêneros folclórico, erudito e popular, assim como o domínio das leis, no que tange aos direitos autorais.

Como agente de socialização, o gosto musical é capaz de aproximar pessoas, reunindo-as em grupos onde essa influência se faz evidente na linguagem, na vestimenta e na expressão corporal dos componentes: indivíduos sedentos de referência para a construção da própria identidade.

Boa parte da diversão dos adolescentes e jovens tem na música um dos seus principais elementos, seja para ouvir, para dançar, para cantar ou tocar. A música está presente e acompanha quase todos os momentos de lazer, seja sozinho em casa, no encontro com amigos, nas festas [...]. Sempre que possível, a música acompanha também o tempo de trabalho e estudo. [...] O gosto musical aparece como sinalizador da adesão a um certo conjunto de referências culturais, funcionando, portanto, como demarcador de identidades no interior do universo juvenil, mesmo quando o estilo musical compõe-se a partir da fusão de diversos outros estilos (PCN, 1998, p. 118).

Então, por que não explorar a musicalidade em todo seu potencial artístico e expressivo para transferência de valores e formação do caráter? É possível aprimorar a inteligência emocional e resolver problemas de relações interpessoais por intermédio de dinâmicas associadas à música em ações pontuais de sala de aula, como a formação de um jogral ou coral para apresentação em eventos definidos. Outra proposta é levar os alunos a discutir assuntos formais relacionados aos resultados esperados, através de uma palestra sobre o bom uso da voz, onde técnicas vocais, cuidados alimentares e postura corporal são trabalhados de forma coletiva, porém exigem um olhar introspectivo, com intuito de provocar a mudança ou a própria constituição do sujeito.

Essa ação foi desenvolvida no dia 14 de março de 2017, nas duas escolas, por Bruna Casagrande Martins e Ingrid da Silva Souza, alunas do curso de Biomedicina da Faculdade Pio XII, que aproveitaram a disciplina de Língua Portuguesa para desenvolver um projeto de extensão e colocar em prática conhecimentos de oratória e persuasão. As palestrantes foram surpreendidas com um café da manhã saudável, composto de salada de frutas, sucos variados e sanduíche natural, realizado pelos próprios alunos do nono ano, que tornaram o momento muito mais agradável e interessante.

Fotografia 6 – Palestra sobre o bom uso da voz



Fonte: Tirada pela autora, 2017.

## Oficina 2: Recados e Variedades

A “variedade” em questão está representada pelo grande intercâmbio de gêneros e estilos que podem ser incorporados a uma única atração. Embora a concepção original dessas produções buscasse a audiência ligeira e o apelo fácil do superficialismo e do descompromisso com a realidade, podemos inserir aqui a nossa abordagem inovadora (CONSANI, 2007, p. 104).

A necessidade de se trabalhar a oralidade, porém de uma forma mais lúdica e natural, com vistas a promover a integração do grupo, desenvolver um diálogo interativo e identificar o perfil desejado do possível locutor, deu origem a essa oficina, que possibilitou o reconhecimento de atividades que conseguem de fato despertar o interesse do público-alvo e evidenciar a proposta de unir a diversão à aprendizagem, por intermédio de jogos, piadas, adivinhações, recados do coração e fofocas – termo definido por Consani (2007, p. 105) como “informações sobre a intimidade alheia”.

A estruturada pautou-se em uma perspectiva moderna, humorística, dinâmica, competitiva e cultural, porém sem deixar de explorar elementos da coloquialidade e do mundo virtual, ainda que somente por meio da linguagem habitual dos próprios alunos. É importante ressaltar que as atividades foram programadas de forma simples, primeiramente para que não assustassem os alunos e nem suscitassem uma postura de retração que pudesse limitar a criatividade em um processo de

continuidade que resultasse em produções textuais de gêneros específicos como os recados e as piadas. Segundo, para incentivar a autonomia na adaptação dos exercícios, resultando na construção de jogos que traduzissem a subjetividade do grupo, tanto nos interesses dos brindes sorteados como na personalidade das falas.

A oficina apontou características inatas de alguns alunos com perfil de liderança para organizar o trabalho e outros com habilidade para conduzir com dinamismo e capacidade de improviso a locução da rádio. Além disso, permitiu a intervenção de outros profissionais das escolas, promovendo a interdisciplinaridade e o diálogo com temas transversais, fortalecendo o caráter integrador e enriquecendo o conteúdo abordado por intermédio de jogos e adivinhações.

Na prática, a proposta desenvolveu a sensibilidade e incentivou a gentileza, sem, no entanto, deixar de exigir uma abordagem objetiva, jovem e sintética de frases que manifestassem saudações, desejos e despedidas. O resultado foi a ampliação do prazo estipulado para confecção das atividades, em virtude da criatividade empenhada na criação de novas ações.

Os jogos foram pensados para o formato de perguntas e respostas que explorassem conhecimentos gerais e atualidades, porém surpreenderam pela configuração mais arrojada e expansiva, contemplando, inclusive, dados esportivos. Evoluíram para um verdadeiro show de cultura, evidenciado por duelos de rimas, concursos de piadas e anedotas, trava-língua, Qual é a música? e imitações, que ampliaram muito a prática de leitura e o repertório linguístico dos alunos.

### **Oficina 3: Entrevista**

Marcada pela realização de um diálogo sedutor, a entrevista de rádio é o tipo de gênero oral que explora a objetividade em uma linguagem persuasiva, tendo por base a falsa intimidade desenvolvida entre os participantes, por meio de uma seleção lexical bastante envolvente e agradável ao convite de revelar aquilo que desperta o interesse do ouvinte. Na verdade, sua estrutura não é espontânea, pelo contrário, extremamente trabalhada em um roteiro inicial, construído a partir de

pesquisa prévia a respeito do entrevistado ou do assunto, com objetivo de atingir fins específicos: declarações de quem fala e esclarecimentos a respeito de um fato.

A interação verbal, na entrevista de rádio, é marcada pela intencionalidade discursiva, que direciona toda a performance do entrevistador para atender às muitas vozes que representa ao tentar descobrir a opinião ou mesmo curiosidades a respeito do entrevistado. Geralmente, este é uma figura pública, ou alguém que ganha destaque momentâneo por se envolver em cenas que chamam a atenção da sociedade, ou um estudioso que pode elucidar fatos em especulação. Já o entrevistador é um profissional de raciocínio rápido, capacidade de adaptação às mudanças e grande poder persuasivo para conduzir a conversa em um tom investigativo, porém sem pressões e intimidações, na base da cordialidade e do respeito, incluindo um ar de admiração e originalidade à própria fala, mediando a inserção de novos assuntos ao diálogo.

Consani fala da postura do ouvinte, ressaltando a construção do sentido a partir da compreensão do posicionamento dos interlocutores.

- Todo processo comunicativo deriva de um embate de opiniões do qual emerge uma síntese, uma verdade provisória que é construída pelo livre-arbítrio do ouvinte.
- Nesse quesito, a entrevista delimita didaticamente o lugar dos antagonistas, assumindo para o entrevistador a posição do ouvinte. Assim, uma correta identificação do público e dos seus interesses deve ser a maior preocupação de quem organiza uma entrevista (CONSANI, 2007, p. 84).

Perguntas e respostas compõem a estrutura desse gênero, que normalmente se adapta a qualquer assunto, quando bem conduzido. Na verdade, a viabilidade da proposta e o sucesso do produto final oral estão expressos no acordo tácito entre as partes envolvidas: o entrevistador – que assume a postura de fã ou público interessado no assunto –, e o entrevistado – que se dispõe a sanar dúvidas e responder às questões suscitadas.

A composição textual, apesar de parcialmente fragmentada, torna-se gradual e envolvente à medida que um trabalho de coesão é feito sobre continuidades e retomadas de temas; também é necessário investir na abertura e encerramento da

“conversa”; primeiro, porque aquela é um convite à audição (por intermédio da participação indireta), e este é uma despedida de portas abertas, com possibilidade futura de novo diálogo; segundo, porque é uma forma de atrair e situar o ouvinte, que passa a reconhecer o início e o término desse gênero informativo.

Para uma abordagem pedagógica, além do valor da estrutura dinâmica, a entrevista de rádio traz a questão da alteridade, ao dar voz ao outro no seu questionamento, e por exigir que o outro confie na ética de quem conduz a “conversa”. Essa relação, em sala de aula, configura uma estratégia para que se trabalhe a formação dos valores e do caráter do aluno, dialogando com a construção da linguagem. Aqui, há abertura para um estudo amplo do poder da língua e da autonomia que pode ser atribuída ao aluno na hora de realizar a pesquisa inicial e construir as perguntas que direcionarão a entrevista.

#### **Oficina 4: Notícia**

O gênero notícia ganha imediatismo ao ser associado ao rádio, por possibilitar que o jornalista divulgue as informações sem precisar sair do local dos fatos. Essa mesma mobilidade se estende ao ouvinte, que não precisa parar suas ações para ter acesso aos acontecimentos, já que a própria linguagem é diferenciada e intencionalmente elaborada para penetrar nos mais diversificados ambientes, satisfazendo a um público variado, que vai do iletrado a grandes estudiosos. Assim, explora a objetividade para transmitir elementos situacionais (onde, quando, com quem), porém de forma repetitiva, garantindo a comunicação; faz uso de um vocabulário simples, com frases na ordem direta, não exigindo grandes esforços mentais de compreensão; normalmente, é seguido de comentários, assegurando a visão ideológica de quem está no comando.

Outras características que personalizam a transmissão radiofônica de notícias, e que de certa forma conferem singularidade ao gênero nesse meio de comunicação, são o uso da expressividade e sentimentalidade durante a locução; aplicação de conectivos para trazer a ilusão de ligação e continuidade entre os fatos narrados; a escolha da humanização na locução em oposição ao estilo impessoal utilizado pelos jornais impressos, com verbos e pronomes em terceira pessoa; e a estrutura dos

blocos, que intercalam informação com outras atrações, como músicas e anúncios, dando tempo para que as novidades sejam assimiladas pelos ouvintes, e ainda surja o interesse em saber mais, garantindo a audiência. Eduardo Meditsch (1999) diz que “todo esse mosaico permite uma variedade que corta a monotonia da linguagem e, simultaneamente, retém a atenção do ouvinte”.

Levar a informação com veracidade, vivacidade e compromisso com a temporalidade são objetivos das rádios alcançados à base de organização e cuidados com a adaptação à linguagem, que precisa ser simples, rápida, curta e sem emprego de duplo sentido, sem abreviações e sem figuras de linguagem. E, ao contrário do que se imagina, as notícias não devem partir apenas de improvisações que garantem a instantaneidade dos fatos; o trabalho informativo deve se pautar em uma pesquisa inicial investigativa, que possibilite a elaboração de um roteiro com antecedência, divulgando novidades parcialmente previsíveis, relativas a datas comemorativas, eventos da cidade e dados gerais relativos ao esporte, trânsito e ao clima.

Falar em linguagem simples, no caso das notícias trazidas pelo rádio, não significa abandonar a norma padrão, fazendo uso de gírias, expressões vulgares e incorretas, mas sim em trabalhar a seleção vocabular para que se torne acessível a todos. Essa característica configura um caráter formal e transmite um ar de seriedade àquilo que está sendo noticiado, ainda que a autonomia da locução direcione a linguagem para um falar regional e sugira a ideia de individualização na comunicação, aproximando falante e ouvinte. Isso gera uma necessidade substancial de se investir em estrutura e entonação, para que o bloco se torne atrativo e envolvente a ponto de a hierarquização das notícias assegurar um equilíbrio e promover a construção mental das imagens, já que só em outros meios de comunicação são expostas.

Explorar o gênero notícia a fim de construir um canal de comunicação entre a escola e o aluno permitiu uma abordagem de conteúdos gramaticais que aprimoraram a capacidade interpretativa e ainda proporcionaram o desenvolvimento de atividades dinâmicas de produção textual, superando a previsibilidade de aulas expositivas de pronomes interrogativos, conjunções, operadores argumentativos e coesivos, denotação, regência verbal e nominal.

## Oficina 5: Propaganda

O texto publicitário é um dos gêneros mais encontrados no cotidiano, aparecendo em variadas formas e suportes, tanto por intermédio da mídia impressa (revistas, jornais e panfletos) como da eletrônica, em programas de televisão e rádio, páginas da internet e abertura de filmes no cinema. Uma vez que manipula informações, circula em diferentes espaços e influencia comportamentos, requer uma postura ativa de interpretação e posicionamento crítico, pois tem a capacidade de interferir na construção da identidade e dos valores do cidadão. Em virtude disso, trabalhar com as propagandas em sala de aula não deve ser algo banalizado, e sim planejado com grande cuidado, considerando que fazem parte de situações concretas de comunicação do aluno com o mundo que o rodeia, além de serem compostas por uma linguagem mista, repleta de duplo sentido e forte apelo comercial e social.

A propaganda apresenta-se como a personificação da própria sedução, materializada na imagem de um novo produto, evento ou conduta, que tem por objetivo promover a aproximação entre uma determinada marca e o consumidor. Sua estrutura, normalmente, explora o universo lúdico, com ênfase na função apelativa e foco no interlocutor que, caso se deixe influenciar, torna-se alvo de tudo quanto é supérfluo e absorve necessidades passíveis de satisfazerem à ideia de pertencimento que emana do mundo capitalista e que inferioriza àqueles que se deixam envolver pelo poder de compra. É aqui que se faz imprescindível a figura do professor como mediador dessa linguagem carregada de segundas intenções e o aluno adolescente, ainda pouco experiente no processo de analisar, criticar e filtrar as informações que chegam até ele. Dessa forma, fica para a escola a responsabilidade de desenvolver mecanismos de interpretação de textos que desmistifiquem a venda de identidade, felicidade, saciedade, perfeição e inserção social, explorados nos anúncios publicitários.

Como um dos gêneros que compõe a programação das rádios, é interessante pensar a inserção das propagandas na disciplina de Língua Portuguesa como possibilidade de estudo com textos que reproduzem em palavras a sedução visual dos panfletos, cartazes, outdoors e das vitrines de estabelecimentos comerciais: lanchonetes, restaurantes, lojas e demais serviços prestados pela comunidade.

Em um trabalho de criação desses anúncios, explora-se com os alunos não só a capacidade de percepção da realidade em que estão inseridos, como também a criatividade e a sensibilidade para identificar o interesse do público-alvo, no que se refere a produtos e serviços, dar visibilidade àquilo que ainda não conhecem, mas potencialmente atrativo, e aplicar nas produções textuais o poder de persuasão, a valorização da autoestima e o desejo de consumo. Além disso, é uma excelente oportunidade para desenvolver a capacidade de argumentação e domínio de conhecimentos gramaticais específicos, como a utilização dos verbos no modo imperativo, da adjetivação e da descrição dos objetos e elementos relativos ao que está sendo evidenciado: valor de desconto, localização e data dos eventos são alguns exemplos.

### **Oficina 6: Horóscopo**

De caráter informativo, o gênero horóscopo se assemelha a um conselho, uma sugestão, principalmente em virtude de características marcadas: verbos no imperativo, excesso de adjetivação e presença de modalizadores para indicar as possibilidades de influência dos astros nos signos, pela data de nascimento.

Há muita associação desse gênero com a credibilidade, porém, mais do que acreditar na força das palavras, é preciso considerar a ocorrência desse tipo de texto, que parte de um estudo astrológico e se vale de uma linguagem persuasiva para influenciar condutas e o autoconhecimento, a partir da previsão dos signos para cada dia, mês e ano.

De grande aceitação entre adolescentes e jovens, principalmente pela necessidade desses de assumirem algumas posturas em meio a muitas inseguranças, o horóscopo dialoga com a curiosidade e se constrói à medida em que a interpretação se efetiva, ainda que na base do questionamento ou da discordância.

Pensando na configuração prática, esse gênero pode ser caracterizado por uma linguagem objetiva, simples e cíclica, no sentido em que cada signo segue a mesma ordem de apresentação: um único parágrafo trazendo verdades gerais, avaliação

dos astros, análise psicológica do possível interlocutor (ouvinte), sugestão de conduta e comentário de impacto ou frase de efeito.

Veja o exemplo da previsão para o signo de Áries, postado no Blog da Rádio Mandela, produzido pelos alunos do nono ano B da escola Paulo Mares Guia.

Os arianos são agitados e competitivos, estão continuamente procurando atividades em que possam se destacar, seja na escola, no trabalho ou nos círculos sociais, tudo para esconder os medos e as dúvidas que carregam (RÁDIO MANDELA, 2017).

### **Oficina 7: Radionovela**

A radionovela foi uma das primeiras estratégias utilizadas pelos programas de rádio no Brasil para atrair a atenção do público. Consistia na dramatização de textos literários narrativos (romances), com abundância de recursos sonoros e incentivo à imaginação, como bem define Lia Calabre<sup>4</sup>, em seu artigo *No tempo das radionovelas*: “a imaginação individual complementa a ausência das imagens, possibilitando aos heróis e aos vilões ter tantas faces quantos sejam os ouvintes que acompanhem atentos ao desenrolar das tramas” (CALABRE, 2007, p. 4).

Apesar de algumas experiências com radiodramatizações teatrais desde 1932, a primeira radionovela brasileira só foi ao ar em junho de 1941. Tratava-se de uma adaptação de um texto cubano, seriado, com transmissão em três dias semanais, durante dois anos, em oposição ao formato diferenciado de única locução ou em sequência de dois ou três capítulos dos textos transmitidos nos anos anteriores. Essa adaptação logo despertou o interesse de escritores brasileiros, caiu no gosto feminino e ganhou formato próprio, com características que se distanciavam do gênero folhetim, trazido nos jornais, e do teatro de rádio.

A radionovela, em geral, durava dois meses, e tratava-se de um texto acessível à maioria da população. Foi uma forma bastante atrativa para apresentar problemas relativos ao caráter humano, mostrar as relações sociais e os caminhos repletos de

---

<sup>4</sup> O artigo de Lia Calabre, *Nos tempos das radionovelas* (2007), serviu de fonte para uma busca histórica a respeito do surgimento das radionovelas no Brasil.

encontros e desencontros que se percorrem em busca da felicidade, por meio de triângulos amorosos, conflitos de interesses familiares, diferenças sociais e ações impensadas, motivadas por ganância, inveja e amores exagerados. Assim, conseguiu popularizar clássicos da Literatura, e hoje pode ser resgatada com a mesma finalidade, conduzindo a uma proposta pedagógica de leitura, reescrita (para uma abordagem contemporânea) e apresentação oral, na divulgação de textos famosos de Clarice Lispector, Machado de Assis, José de Alencar, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves, Adilson Vilaça e de outros grandes escritores brasileiros.

A ideia é bastante viável ao desenvolvimento da criatividade e da capacidade comunicativa, primeiramente por exigir o trabalho em grupo, depois por permitir uma liberdade na criação de vozes e construção das imagens no imaginário do ouvinte, por intermédio dos sons que são transmitidos, não havendo necessidade de grandes investimentos financeiros em sonoplastia, mas sim exploração das habilidades de produzir sons com objetos do cotidiano ou mesmo manusear recursos de mídia.

É importante ressaltar que a proposta, se bem apresentada ao aluno, pode ser bastante atraente para todos aqueles que têm dificuldade de falar em público, por medo de encarar o outro e lidar com a crítica e com a desaprovação do olhar alheio. Também é um excelente recurso para aproximar a aula de Língua Portuguesa do texto literário, despertando o gosto pela leitura de fruição, promovendo a ampliação do repertório cultural e uma análise comparativa da escrita em relação ao tempo, no que se refere às mudanças da linguagem, do espaço e da própria língua.

Vale lembrar que, no Brasil, a aula de Literatura só é institucionalizada a partir do Ensino Médio, e que, normalmente, o aluno só tem acesso a livros por influência da escola. Sendo assim, durante todo o Ensino Fundamental, a maioria dos professores acaba trabalhando com a gramática e com gêneros caracterizados por textos curtos ou de poucas palavras, como fábulas, anedotas, piadas, pequenas crônicas, tirinhas e charges, que são facilmente veiculados em livros didáticos, provas e atividades diárias, em virtude do tamanho.

A esse respeito, Regina Zilberman tece uma crítica, direcionando o olhar para o passado em oposição à atualidade, e permite que se fundamente na sua análise

para propor atividades escolares que oportunizem o contato com a Literatura, a fim de formar leitores críticos e produtores de textos repletos de emoção, não como resposta aos mecanismos de letramento ou às exigências sociais, desde o Ensino Fundamental.

Se, no passado, a escola apoiava-se fortemente na literatura e, mesmo sem ter como meta formar leitores, acabava, às vezes, contribuindo para isso, no presente, dá as costas para a tradição e termina por privar os alunos de qualquer história (ZILBERMAN, 2009, p. 16).

Então, pensando na postura adotada hoje pela escola, por que não utilizar a escrita da radionovela para melhor explorar a Literatura e aplicar aulas mais dinâmicas e enriquecedoras? A criação da rádio escolar resgata essa atividade e ainda traz um estudo histórico que evolui para o surgimento da televisão e a chegada da novela a esse novo suporte, composto por luz e imagens para as falas. A concorrência minou a audiência do rádio, no tocante à radionovela, mas associou o recurso de mídia à divulgação dos novos capítulos televisivos, por antecipar um resumo do que será apresentado nas telinhas.

## 6.5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As oficinas foram desenvolvidas em duas escolas da rede municipal de ensino de Vila Velha, Vila Olímpica (localizada no bairro Soteco) e Paulo Mares Guia (localizada em Cobilândia). Na primeira unidade de ensino foram aplicadas em uma única turma de nono ano, e contou com a participação de 28 alunos, em média. No segundo caso, duas turmas de nonos anos foram contempladas, e apresentaram, aproximadamente, 30 alunos em cada.

A experiência na Vila Olímpica foi cansativa e não conseguiu atingir à expectativa de construção de uma rádio escolar, como produto final, principalmente pela falta de vontade e motivação dos discentes, que apenas desejam terminar uma etapa da fase escolar, o Ensino Fundamental. Nessa turma, há uma preferência quase que unânime pela realização de atividades avaliativas no formato padrão: prova escrita, mesclando questões objetivas e discursivas, em oposição a outras abordagens que exijam criatividade, pesquisa, trabalho em grupo e autonomia. Com isso, as

atividades com os gêneros foram limitadas e não ultrapassaram a proposta apresentada de simulação de uma programação de rádio.

É válido registrar que as aulas de Língua Portuguesa da turma selecionada ocorrem às segundas e às terças-feiras, e que o número de faltas é bem elevado nesses dias. Logo, ficou evidente a falta de envolvimento com a proposta, e a apresentação final da rádio simulada em sala de aula mostrou o interesse de poucos para que o trabalho se concretizasse.

Na segunda escola, a receptividade foi bem diferente, desde o início apontando para uma preocupação em não perder nenhuma atividade para que o resultado final refletisse a conquista de um novo espaço: a rádio escolar, com marcas da originalidade e da personalidade dos grupos.

Em virtude da discrepância da receptividade do projeto nas duas escolas, o foco da análise final será dado à Umef Paulo Mares Guia que, por meio de uma rivalidade criada pelos próprios alunos, conseguiu se sobressair em motivação, responsabilidade, interação, criatividade e autonomia, surpreendendo ainda com a expansão da proposta ao criar blogs como resultado final da rádio simulada, com o intuito de eternizar a ação e servir de referencial para os próximos anos.

Os participantes demonstraram, desde o início, um interesse muito grande em transpor as barreiras que separam a escola pública da escola particular, eliminando a defasagem de conhecimentos imposta pelas limitações da unidade de ensino e pela falta de acesso à cultura valorizada: cursos de idiomas, experiências com viagens, diversidade de lazer, incentivo à leitura, aulas de instrumentos musicais e esportes. Dessa forma, acolheram com grande interesse a abordagem teórica de conteúdos estruturais, como: pontuação; crase; regência; concordância; reforma ortográfica; e uso dos conectivos, para melhorar a coesão e a coerência na produção textual.

Essa postura madura do grupo facilitou bastante a internalização da necessidade de um trabalho colaborativo entre escola, família e comunidade, com destaque para a realidade e o desenvolvimento da comunicação entre as partes envolvidas,

favorecendo a inserção de novos horizontes e uma mudança comportamental, influenciada pelo pensamento crítico. Os alunos passaram a sonhar com a aprovação no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), almejando a qualificação profissional e o Ensino Médio gratuito de qualidade; assim como começaram a criar oportunidades de lazer e contato com a cultura.

As oficinas proporcionaram ainda momentos de reflexão e relatos libertadores de experiências, gerando um clima de cumplicidade e apoio entre os estudantes, porque as próprias características do rádio e a configuração da estrutura de funcionamento desse veículo de comunicação perpassam a questão do diálogo direcional, da instantaneidade, do alcance e da democratização da comunicação, com apoio na simplicidade da linguagem oral.

Os alunos saíram da zona de conforto e da rotina das aulas expositivas e foram seduzidos por um trabalho de construção coletiva, que conferiu visibilidade e repercussão à produção de texto. Ficaram encantados com os resultados das próprias ações e se interessaram por um relacionamento mais estreito com a Literatura, refletindo na estruturação de um intercâmbio de livros, por intermédio da professora regente, entre as escolas em que circula. Essa atividade chamou a atenção de outras pessoas que lidam diretamente com a profissional em outro ambiente de trabalho (a Faculdade Pio XII), e logo foi realizada uma campanha para arrecadação de novos livros, o que possibilitou a criação de uma “biblioteca itinerante”, hoje com aproximadamente 300 livros.

Os livros ficam distribuídos e guardados nos armários das três escolas em que a professora de Português idealizadora deste projeto trabalha; são periodicamente mostrados e emprestados aos alunos que, após a leitura, promovem o rodízio entre aqueles que não passam um fim de semana sem uma boa obra para se distraírem.

Fotografia 7 – Parte do acervo da “Biblioteca Itinerante”



Fonte: Tirada pela autora, 2017.

Entre as produções de textos resultantes das oficinas, destacou-se a iniciativa com o livro *Segredo de seis corações*, de Sônia Barros, que, por meio do trabalho em grupo, promoveu o debate, a reflexão e a construção de novas histórias, em resposta aos seis adolescentes, aos seis corações angustiados, aos seis segredos, às seis situações tão diferentes e tão parecidas às vivenciadas pelos próprios alunos... Beatriz é filha de pais separados, está iniciando no mercado de trabalho e suspira pelo professor de inglês. Ana Clara é superprotegida pelos pais e namora em segredo. Victória mora com a mãe, que reprova sua relação com um garoto negro. Francisco perdeu a família e trabalha na roça desde os sete anos. Luís Augusto é filho único e precisa do apoio dos pais para seguir a carreira musical. João faz sexo sem preservativo e engravida a namorada.

Os textos trouxeram, além de sugestões para os problemas expostos pelas personagens, a discussão a respeito de outras situações impactantes para essa faixa etária: as mudanças hormonais, a influência dos amigos, a necessidade de atender aos padrões de beleza, a curiosidade em relação às drogas, os avanços tecnológicos e as relações que proporcionam, por exemplo.

Ei, primo! Já vi que as coisas não estão nada boas por aí, né!? Desculpa a demora para a minha resposta, é que aqui no bairro de Montreal, onde eu estou morando agora, teve um problema com a conexão, então só depois de 3 semanas fui ver o seu e-mail. Mas prometo que vou tentar te ajudar, pois assim como você disse, além de primos, somos grandes amigos!

Acontece, que a minha situação não está muito diferente da sua, primo. Acho que um vai ter que ajudar o outro! Você lembra do último e-mail que eu te enviei falando dos relacionamentos que eu tenho aqui no Canadá? Então, no meu bairro conheci uma garota que me ajudou muito com o meu inglês; ela praticamente me ensinou a falar inglês. Aquela "famosa" Emmy Smith, aquela que eu sempre te falo nos meus e-mails. É por ela que a história começa... (Início de uma das produções de texto dos alunos do 9º ano B, Escola Paulo Mares Guia – Vila Velha, ES.)

Assim, no final do mês de outubro de 2017, nascia o livro *Corações em diálogo*, trazendo treze novas histórias dos alunos das duas escolas e uma configuração gráfica que confirma o trabalho interdisciplinar, pois foi desenvolvido pela professora de Matemática, Lidiane Lahass, e idealizado e revisado pela professora de Língua Portuguesa, Thayana Carpes.

A oficina de propagandas foi o ponto de partida para o desenvolvimento de algumas ações, como a estruturação de um bazar e venda de rifas, doces e salgados, com intenção de arrecadar fundos para a realização da formatura. A radionovela trouxe a iniciativa de construção de um teatro para uma apresentação de fim de ano, com texto elaborado e dirigido pelos próprios alunos.

O projeto deu vida à disciplina de Língua Portuguesa, movimentou a escola e uniu os alunos em interesses que ultrapassam os objetivos iniciais, porque foi capaz de despertar a criatividade e incentivar a autonomia para uma abordagem diferente do ensino da gramática em consonância com a produção textual. A partir da aplicação prática, alicerçada em resultados que conferem destaque ao grupo e promovem uma aproximação entre a realidade imediata e o mundo, foi trazida a sensação de prazer e a certeza da troca de experiências culturais, não só por promover uma ida ao cinema, mas por romper preconceitos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo surgiu do desafio de trabalhar a Língua Portuguesa por meio de um veículo capaz de estabelecer mecanismos para o ensino dos aspectos da linguagem relacionados à produção textual, partindo da dificuldade em identificar os grandes anseios que permeiam a relação professor-aluno, e tendo por base a necessidade de proporcionar um ambiente atraente aos alunos do Ensino Fundamental.

Considerou a diversidade social e a necessidade de promover práticas pedagógicas que aproximem o aluno do estudo da Língua Portuguesa, da Literatura e da sociedade em que está inserido, visando a facilitar o processo de produção de textos, utilizando uma rádio simulada na sala de aula, segundo uma perspectiva criativa, interativa e prática. Levou em consideração a carência de recursos disponíveis nas escolas e valorizou o uso do celular e da internet como ferramentas que proporcionam a inserção do lúdico na geração do século 21.

O objetivo era motivar e facilitar os processos de leitura, de interpretação e de produção de textos, a partir do estudo dos gêneros que compõem a programação de uma rádio, exercitando a revisão coletiva de textos e criando uma rádio escolar como produto final; sem, no entanto, deixar de seguir as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), referentes ao ensino de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental, que preconizam a abordagem da ética, meio ambiente, trabalho, consumo, saúde, sexualidade e pluralidade cultural, como temas transversais propostos para um diálogo interdisciplinar.

A ideia era superar o desinteresse pelas disciplinas escolares, muitas vezes avaliadas pelos alunos como cansativas e rotineiras, completamente dissociadas da realidade em que estão inseridos e extremamente previsíveis no que se refere à avaliação, levando para a sala de aula atividades que motivam e facilitam o processo de assimilação de conhecimentos gramaticais e sintáticos da língua de forma contextualizada e progressiva. Para tanto, o trabalho exigiu um conhecimento aprofundado da realidade social, econômica e cultural do público-alvo, com intuito de identificar a influência do rádio como meio de comunicação.

A rádio surgiu como um recurso viável, pelo baixo custo operacional, e extremamente estratégico pelo alcance, diversidade composicional e comunicativa, que perpassa a questão do diálogo direcional, da instantaneidade e da democratização das informações, com apoio na simplicidade da linguagem oral. Como proposta de trabalho com adolescentes, atende à expectativa de influenciar a formação do caráter para a constituição do aluno como cidadão apto à participação social, capaz de questionar a própria realidade, identificar problemas, mediar conflitos e promover transformações, pelo domínio criativo e consciente da linguagem.

Metodologicamente falando, a estrutura traz um percurso que direciona a postura do professor como mediador da prática, sempre incentivando a autonomia, a criatividade, a alteridade, a intertextualidade e a subjetividade, para que o resultado da experiência proporcionada seja a ampliação das perspectivas de atuação a partir da interação com a realidade.

Analisando o projeto integralmente, foi possível observar o amadurecimento dos alunos, estimulado por experiências que priorizaram a autonomia, o respeito e a liberdade, mas mais do que isso, que deram voz e vez à construção da própria identidade, manifestada em textos que oportunizaram a demonstração de habilidades e limitações individuais.

Os resultados apresentados superaram as expectativas e propostas do estudo inicial, uma vez que, tanto os blogs criados quando o livro organizado pela reunião das cartas escritas pelos alunos, evidenciaram a seriedade na abordagem dos conteúdos estudados e a complexidade dos programas mobilizados para a construção dos produtos finais. Os participantes realmente conseguiram aplicar os conhecimentos e souberam mobilizar as experiências vivenciadas a partir do contato diário com as rádios para propor objetos pedagógicos que traduzem a realidade em que estão inseridos: o mundo virtual, com suas cores, formas e diálogos.

As oficinas permitiram discussões que elevaram o nível da argumentação e aprimoraram a capacidade de sintetizar e fundamentar ideias; por outro lado, desenvolveram a sensibilidade e o olhar crítico, por buscar a essência da Literatura

como arte, libertando-se da utilização do livro em caráter utilitário. O resultado foi a construção de textos com mais naturalidade e personalidade.

Vale ressaltar que os alunos não se tornaram escritores, locutores ou mesmo blogueiros, mas conseguiram transpor o desânimo e se apropriaram de muitos conhecimentos para realizar as atividades propostas com coerência, coesão, senso crítico e percepção da realidade, demonstrando um crescimento na participação escolar, assim como o esforço empenhado para superar as expectativas dos idealizadores do projeto.

Esse estudo revelou a importância de se trabalhar a motivação e de buscar apoio de outros profissionais, com intuito de realizar parcerias, diminuir o peso das responsabilidades e garantir a seriedade da proposta prática. Entretanto, também evidenciou fragilidades da atividade de criação da rádio simulada em sala de aula, como possibilidade de construção da rádio escolar, uma vez que lida com variantes independentes, como a estrutura física da escola.

Apesar de não esgotar as possibilidades de abordagem da rádio no ambiente escolar, o projeto se configura como uma proposta prática de trabalho com a diversidade de gêneros e um importante recurso para incentivar a produção de textos, auxiliando o professor na tarefa de ensinar com qualidade a Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Bernadete; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. **Cenas de Aquisição da Escrita**: O Sujeito e o Trabalho com o Texto. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

ANDRELO, Roseane. **O rádio na educação brasileira**: uma história de nove décadas. Revista HISTEDBR, On-line, n. 47, p. 139-153, 2012. Disponível em <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/4210>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Rádio no Espaço Escolar** – para falar e escrever melhor. São Paulo: Annablume, 2008.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil** - Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

BALTAR, Marcos Antonio Rocha; GASTALDELLO, Maria Eugênia; CAMELO, Marina A.; LIPP, Bárbara M. **Rádio escolar uma proposta de interação sociodiscursiva**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, n. 8, p. 8, 2008. Disponível em [www.scielo.br/pdf/rbla/v8n1/09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n1/09.pdf). Acesso em: 22 nov. 2016.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BRUTTI, Sonilda Martins. **Rádio escolar**: ampliando o universo cultural dos estudantes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Centro Interdisciplinar de novas tecnologias na educação. Curso de especialização em mídias na educação. Porto Alegre, 2012. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102811/000921478.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 nov. 2016.

CALABRE, Lia. **No tempo das radionovelas**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, ano 29, n. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007.

Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/761/771>. Acesso em: 18 set. 2016.

CAMPELO, Wanir. História de uma cidade: belo cenário para um novo Horizonte radiofônico. In: PRATA, Nair (Org.). **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010, p. 219-234.

CANÁRIO, Rui. **A Escola tem Futuro? Das promessas às incertezas**. Portugal: Artmed, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura**. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CAVALCANTE, Lidiane de Souza. **Mídia na educação**: o rádio no processo educativo. In: Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, Ética e Responsabilidade Social. Alagoas: PPGE/UFAL, 2010. Disponível em <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/MIDIA-NA-EDUCACAO---O-RADIO-NO-PROCESSO-EDUCATIVO.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Palavras, Meios de Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Escola e Docência** - Novos Tempos, Novas Atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA VAL, Maria das Graças. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: \_\_\_\_\_(Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.

EGGERT, E.; TRAVERSINI, C.; PERES E.; BONIN, I. **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: didática e formação de professores. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur; KIÖCKNER, Luciano (Org.). **E o rádio?:** novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

FILHO, Sebastião Faustino. **No ar: comunicação e educação nas ondas da rádio escolar.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/artigos/gt14/artigo%20xvi%20semana%20de%20humanidades.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2016.

FREIRE, G. G. G.; GUERRINI, D.; DUTRA, A.. **O Mestrado Profissional em Ensino e os Produtos Educacionais:** A Pesquisa na Formação Docente. Revista Porto das Letras, v. 2, 2006, p. 100-114.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FROST, Alexandra Fante Nishiyama. **O Uso da rádio-escola como ferramenta da mídia educação e na formação da cidadania.** Artigo apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba-PR, 2009. Disponível em [www.unicentro.br/redemc/2009/55%20ousa%20frost%20OK.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2009/55%20ousa%20frost%20OK.pdf). Acesso em: 24 set. 2016.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias.** São Paulo: Loyola, 2004.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva (Org.). **A Literatura infantil e juvenil hoje:** múltiplos olhares, diversas leituras. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

KOCH, Ingedore Vilaça. **Desvendando os segredos do texto.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura:** as ideias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MALDONATO, Mauro. **O desafio da comunicação:** caminhos e perspectivas. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**. São Paulo: Summus, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo jornalismo. Coimbra: Minerva, 1999.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

ONGARO, Viviane. **Rádio - escola como prática de uma educação libertadora**: estudo de caso no Centro de Socioeducação Curitiba. In: Dissertação Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em [http://www.ppge.ufpr.br/teses/M11\\_Viviane%20Ongaro.PDF](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M11_Viviane%20Ongaro.PDF). Acesso em: 26 set. 2016.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da comunicação**: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 2001.

PRETTO, Nelson de Luca. **Escritos sobre Educação, Comunicação e Cultura**. Campina: Papirus, 2008.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola**: o transitório e o permanente na educação. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos** - escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: **Multiletramentos na escola**. ROJO, Roxane; MOURA, E. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. In: CORDEIRO, Glaís Sales; ROJO, Roxane (Org.). São Paulo: Mercado e Letras, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. **Rádio: oralidade mediatizada**: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVA, Ynaray Joana; TORRIELLO, Luciano Biaggio. Rádio e educação – um diálogo possível. In: CHIAPPINI, Lígia; CITELLI, Adilson (Org.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo: Cortez, 1997.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Programas de rádio feitos por alunos de escolas públicas em São Paulo mostram o alcance pedagógico da educomunicação**. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe,7,674>. Acesso em: 04 abr. 2016.

SOUSA, Mauro Wilton de. **Novas Linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Que literatura para a escola. Que escola para a Literatura?** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2009.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

## **APÊNDICES E ANEXOS**

## APÊNDICE A – Questionário de Identificação do público pesquisado



**INSTITUTO FEDERAL**  
**ESPIRITO SANTO**  
Campus Vitória



**PROFLETRAS**

**PESQUISA:** A rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental

**MESTRANDA:** Thayana Carpes

**ORIENTADORA DA PESQUISA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

### QUESTIONÁRIO DO ALUNO

Nome: \_\_\_\_\_  
Escola: \_\_\_\_\_  
Turma: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

Prezado aluno,

Este questionário faz parte de uma pesquisa que está sendo realizada no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, do Instituto Federal Tecnológico (IFES), sobre a utilização da rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental.

Para que possamos alcançar os objetivos propostos, é importante que você preencha os dados solicitados com muita atenção e responsabilidade, sendo o mais verdadeiro possível.

1- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

2- Você conhece o funcionamento de uma rádio?

( ) Sim ( ) Não

3- Com que frequência você ouve rádio?

( ) Diariamente ( ) De vez em quando  
( ) Raramente ( ) Nunca

4- Quanto tempo por dia você ouve rádio?

( ) Nunca ouço. ( ) Menos de 30 minutos.  
( ) Entre 30 minutos e 1 hora. ( ) Entre 1 hora e 2 horas.  
( ) Por mais de 3 horas: \_\_\_\_\_ horas.

5- Quando ligo o rádio,

( ) concentro-me na programação.  
( ) faço outras coisas (exemplo: estudo, arrumo a casa ou brinco).  
( ) deixo tocar sem prestar muita atenção.

☐ Não ouço rádio.

6- Quando penso na programação do rádio, a parte que mais me interessa é a:

- ☐ das notícias.
- ☐ do horóscopo.
- ☐ da música.
- ☐ da interação (participação do ouvinte, com possibilidade de ganhar prêmios).
- ☐ da entrevista com personalidades.
- ☐ das propagandas.
- ☐ da diversão (pegadinhas, piadinhas e enigmas).

7- Costumo ouvir rádio pela internet.

- ☐ Concordo
- ☐ Discordo

8- Costumo ouvir rádio pelo celular.

- ☐ Concordo
- ☐ Discordo

9- Gosto de ouvir rádio porque é um meio com o qual sinto proximidade/afinidade.

- ☐ Concordo
- ☐ Discordo

10-Considero os anúncios publicitários de rádio criativos.

- ☐ Concordo
- ☐ Discordo

11-Em minha escola, existem oportunidades para se ouvir rádio?

- ☐ Muitas.
- ☐ Raramente.
- ☐ Não, pois é proibido.

12- Como você vê a criação de uma rádio na sua escola?

- ☐ Como uma oportunidade de unir educação e diversão.
- ☐ Como algo impossível.
- ☐ Como algo negativo.
- ☐ Como uma ótima ideia.

13- Que áreas do saber podem ser abordadas em uma rádio na escola?

(Marque quantas quiser.)

- |                                           |                                     |                                          |
|-------------------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Artes            | <input type="checkbox"/> Ciências   | <input type="checkbox"/> Educação Física |
| <input type="checkbox"/> Ensino Religioso | <input type="checkbox"/> Geografia  | <input type="checkbox"/> História        |
| <input type="checkbox"/> Inglês           | <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Português       |

14- Como pode ser o funcionamento de uma rádio na escola?

- ☐ Em todos os turnos, no horário da entrada, saída e recreio.
- ☐ Apenas no turno matutino.
- ☐ Apenas no turno vespertino.
- ☐ Entre um turno e outro.

15-Que tipo de programação deve ter uma rádio escolar?

- ☐ A mesma de uma rádio comum.
- ☐ Feita pela comunidade escolar.
- ☐ Elaborada pelo grêmio estudantil.
- ☐ Elaborada sob a supervisão dos professores, por um grupo de alunos específicos.

16-Que matérias podem ser abordadas na rádio da escola?

- ☐ Todas voltadas para conhecimentos acadêmicos.
- ☐ Informes de assuntos relativos à educação.
- ☐ Notícias a respeito da comunidade.
- ☐ Assuntos polêmicos em geral.

17-Em que sentido a rádio escolar pode ajudar na formação do aluno?

- ☐ Aprimorando a produção e interpretação de textos.
- ☐ Não ajuda de forma alguma.
- ☐ Promovendo um ambiente de interação e lazer.
- ☐ Ampliando o conhecimentos de mundo e a cultura em geral.

18- Você acha que a criação de uma rádio na sua escola seria um incentivo para a produção textual?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Não sei.

19- Estudar determinados gêneros textuais, como a notícia e a propaganda, com intuito de adaptá-los à rádio escola seria...

- ☐ chato.
- ☐ interessante.
- ☐ um desafio.

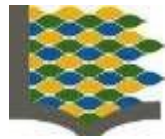
20-Você gosta de aulas em que o professor utiliza recursos tecnológicos?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Às vezes.

## APÊNDICE B – Interpretação de texto para a segunda aula da Oficina 5



INSTITUTO FEDERAL  
ESPÍRITO SANTO  
Campus Vitória



PROFLETRAS

**PESQUISA:** A rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental

**MESTRANDA:** Thayana Carpes

**ORIENTADORA DA PESQUISA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

### Interpretação de texto para a segunda aula da Oficina 5

- 1- O poema explora que data festiva de nossa sociedade?
- 2- É possível perceber, no início do texto, uma crítica à nossa sociedade? Justifique sua resposta.
- 3- O que a palavra Havaianas pode representar no último verso da primeira estrofe?
- 4- Por que o poema apresenta tantos verbos no Futuro do Pretérito?
- 5- Como você interpretaria o verso “Pé no chão, só as Havaianas”?
- 6- O eu lírico faz uso da linguagem formal ou coloquial? Justifique sua resposta.
- 7- Como é possível substituir as expressões “às favas” e “meu reino”, sem modificar o sentido do texto?
- 8- Como é possível explicar a associação da imagem de anjos sendo atribuída à população?
- 9- Qual é a relação existente entre o poema e a propaganda exibida?

## APÊNDICE C – Lista de exercícios para a terceira aula da Oficina 5



INSTITUTO FEDERAL  
ESPÍRITO SANTO  
Campus Vitória



PROFLETRAS

**PESQUISA:** A rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental

**MESTRANDA:** Thayana Carpes

**ORIENTADORA DA PESQUISA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

### Lista de exercícios para a terceira aula da Oficina 5

- 1- Neste anúncio das Havaianas, que variedade linguística foi empregada?
- 2- O anúncio publicitário é um texto que pertence ao grupo dos gêneros argumentativos, pois tem a finalidade de convencer o leitor a consumir determinado produto ou aderir a uma ideia. Partindo desse princípio, identifique o principal argumento utilizado na propaganda para convencer o leitor.
- 3- Em sua opinião, esse argumento é suficientemente forte para persuadir o leitor? Por quê?
- 4- O anúncio publicitário não tem uma estrutura rígida. Contudo, geralmente apresenta um título, às vezes seguido de um subtítulo, o corpo do texto, que amplia o argumento do título, e a assinatura, logotipo ou marca do anunciante. O anúncio em estudo não apresenta alguns desses elementos. Quais?
- 5- No anúncio publicitário, a linguagem geralmente se adapta ao perfil do público e frequentemente apresenta verbos no imperativo. Como se explica a ausência de verbos no imperativo, no anúncio em questão?
- 6- Analise a construção: “Sei que outras se jogam aos seus pés, tentando te convencer que são melhores do que eu”. Há algum problema em relação à regência dos verbos? Caso haja, proponha uma reescrita.
- 7- Essa propaganda das Havaianas se assemelha bastante ao gênero carta, em virtude de que características?
- 8- Quais as principais características do anúncio publicitário, evidenciadas na propaganda em questão, considerando os seguintes critérios: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte ou veículo, tema, estrutura e linguagem?

## APÊNDICE D – Plano de Aulas



**INSTITUTO FEDERAL**  
**ESPIRITO SANTO**  
Campus Vitória



**PROFLETRAS**

**PESQUISA:** A rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental

**MESTRANDA:** Thayana Carpes

**ORIENTADORA DA PESQUISA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

### Plano de Aulas

#### Oficina 1 - Música

- Duração: 8 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Educação Física, Informática, Inglês e Língua Portuguesa.
- Objetivos: Desenvolver a sensibilidade e o senso crítico; conscientizar a respeito da alimentação saudável, da postura corporal e dos cuidados com a voz; ampliar o repertório cultural do aluno; discutir as leis que regem o trabalho com a música.
- Conhecimentos Específicos: Função Emotiva; Função Poética; Poesia; Rima; Ritmo; Figuras de Linguagem; Crítica Social; Sinonímia; Antonímia; Movimentos Artísticos; Folclore; Leis; Postura Corporal; Alimentação Saudável; Técnicas Vocais.
- Recursos: Data show, vídeos, computador, programa playback, papel, lápis, borracha, músicas e paródias.
- Atividades:
  - Palestra sobre Cuidados com a voz, prevendo exercícios de aquecimento e descanso vocal, em parceria com os alunos de Biomedicina da Faculdade Pio XII, com duração de 2 aulas.
  - Elaboração de um coral, com a música *Sexo Frágil* (ANEXO B), de Erasmo Carlos, para apresentação no dia da mulher (08/03). Ensaio diário, no início das aulas de Língua Portuguesa, por 5 aulas.
  - Exibição de paródias e das músicas que deram origem a elas, na sala de vídeo, para incentivar a criação de novas produções. Duração de 2 aulas, prevendo exercícios em dupla de elaboração de paródias.

- Gravação das paródias com o programa playback, na sala de informática, com o apoio do profissional responsável pela área de tecnologia da escola. Os alunos serão liberados durante as aulas de Língua Portuguesa, por uma semana, sempre em dupla, por 10 minutos, para gravação da paródia.
- Exibição das paródias dos alunos, durante um café da manhã, aplicando os conhecimentos adquiridos na palestra inicial da oficina. Duração de 1 aula.

## **Oficina 2 - Recados e Variedades**

- Duração: 5 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Arte, Ensino Religioso, Informática e Língua Portuguesa.
- Objetivos: Melhorar a comunicação; trabalhar a objetividade e o poder de síntese; incentivar a gentileza por meio das saudações e despedidas.
- Conhecimentos Específicos: Vocativo; Aposto; Saudação; Despedida.
- Recursos: papel, lápis, borracha, caneta, livro paradidático *Segredo de Seis Corações*.
- Atividades:
  - Dinâmica de “Telefone sem fio”, que consiste em colocar os alunos em círculo e pedir a um deles para passar uma informação somente ao colega seguinte, que deverá proceder da mesma maneira com o próximo estudante, e assim sucessivamente, até chegar novamente ao professor, passando por todos da sala. E dinâmica de produção de texto curto coletivo, por meio de uma folha em branco, que deverá ser preenchida com respostas dos alunos às perguntas do professor (cada aluno responde a uma, dobra a folha, tampando a resposta, e passa para o colega seguinte responder à próxima questão, feita de forma oral, pelo professor). Duração de 1 aula.
  - Leitura de duas das seis histórias do livro *Segredo de Seis Corações*, de Sônia Barros, com intuito de promover o debate e ilustrar conceitos de Vocativo, Aposto, Saudação e Despedida. Duração de 1 aula.
  - Produção de texto: organizar a sala em duplas ou trios e pedir para que escolham uma das histórias que compõem o livro *Segredo de seis corações* para responder, em formato de carta, e-mail, ou outro meio, explorando a criatividade e os recursos narrativos, com intuito de construir uma nova história; que traga, além de

sugestões para o problema exposto, a discussão a respeito de outras situações impactantes para essa faixa etária: as mudanças hormonais, a influência dos amigos, a necessidade de atender aos padrões de beleza, a curiosidade em relação às drogas, os avanços tecnológicos e as relações que proporcionam, por exemplo. Duração de 2 aulas, com possibilidade de expansão para confecção de um mural na escola e organização de um livro com a reunião de todos os textos produzidos, após revisão ortográfica.

- Produção de Recados otimistas, por meio da escrita, como reflexão pela semana de Páscoa. Previsão de 1 aula.

### **Oficina 3 - Entrevista**

- Duração: 2 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Língua Portuguesa e Matemática.
- Objetivos: Desenvolver capacidades auditivas e de concentração; trabalhar o conceito de alteridade; melhorar o poder de síntese; instigar a curiosidade; incentivar a prática de pesquisa; trabalhar a organização por meio da elaboração de roteiro.
- Conhecimentos Específicos: Persuasão; Elaboração de Roteiro; Prática de Pesquisa; Uso dos Pronomes Interrogativos; Fatores de Textualidade; Porcentagem; Vozes Verbais; Alteridade.
- Recursos: papel, lápis, borracha, caneta, data show, imagens de pessoas importantes (como o ex-presidente do Brasil, Lula).
- Atividades:
  - Leitura da entrevista com o criador do Twitter, publicada na Revista Veja de 22 de outubro de 2009 (<http://veja.abril.com.br/211009/mundo-140-caracteres-p-19.shtml>), para posterior debate. A previsão é utilizar metade de 1 aula.
  - Exibição de imagens de famosos, para confecção em grupo de um questionário de entrevista. A previsão é utilizar metade de 1 aula.
  - Lançar perguntas polêmicas em sala de aula para ver as diferentes opiniões e o percentual de concordância com um determinado pensamento. Em seguida, promover a votação para líder de turma e escolha do professor representante, explorando conhecimentos de porcentagem, enquete e democracia. Duração de 1 aula.

#### Oficina 4 - Notícia

- Duração: 5 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Educação Física, Geografia, História e Língua Portuguesa.
- Objetivos: Distinguir fatos de opiniões; identificar os elementos que conferem objetividade, credibilidade e clareza aos fatos; melhorar a comunicação; trabalhar a coesão e a coerência na produção textual; incentivar a leitura de jornais; manter o grupo atualizado em relação ao contexto em que está inserido; construir um canal de comunicação entre a escola e o aluno.
- Conhecimentos Específicos: Elementos Situacionais; Frases na ordem direta; Uso das Conjunções e Pronomes Relativos; Denotação; Operadores Argumentativos e Coesivos; Sintaxe de Regência; Atualidades; Concordância; Ética.
- Recursos: papel, lápis, borracha, caneta, jornais, data show e computador.
- Atividades:
  - Organizar os alunos em duplas, distribuir entre elas jornais diferentes do mesmo dia e incentivá-las a analisar notícias que apresentam o mesmo tema, observando as divergências e os destaques de cada uma das visões. Em seguida, orientar a identificação de elementos estruturais desse tipo de gênero: O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Previsão de 1 aula.
  - Para a aula seguinte, assistir a programas jornalísticos televisivos com intuito de caracterizar o texto notícia; assim como ouvir a uma programação de rádio gravada, para reconhecimento das características estruturais identificadas na aula anterior. Na sequência, estabelecer um diálogo de especificação a respeito do tipo de linguagem, destacando o tempo de duração, a objetividade e a ausência de opiniões e gírias.
  - Na terceira aula, os alunos farão a análise dos poemas *Morte do leiteiro* (ANEXO B, texto 2), de Carlos Drummond de Andrade, e *Poema tirado de uma notícia de jornal* (ANEXO B, texto 3), de Manuel Bandeira, e das músicas *Rap do Silva* (ANEXO B, texto 4), do MC Bob Rum, e *Construção* (ANEXO B, texto 5), de Chico Buarque, para diferenciar a linguagem do gênero notícia da escrita literária. Com esse estudo, é possível explorar ainda alguns eixos temáticos, como violência e desigualdade social, e retomar a estrutura do poema.

- A quarta aula deve trazer o contato direto, por meio de uma reunião formal, com a diretora da escola, bibliotecária e pedagoga, para coletar informações que poderão orientar a construção de notícias. O diálogo será orientado por questões registradas no início da aula, em uma conversa entre o professor e os alunos, visando à satisfação de curiosidades pertinentes à estrutura da escola, horário das aulas e cronograma das atividades pedagógicas.
- A última aula da oficina será destinada à produção de texto, e posterior divulgação das notícias estruturadas em formato de mural.

### **Oficina 5 - Propagandas**

- Duração: 5 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Arte, História, Língua Portuguesa e Matemática.
- Objetivos: Desenvolver o senso crítico; reconhecer características específicas do texto publicitário; compreender a intencionalidade discursiva proposta pela mídia; promover a inferenciação; aprimorar a interpretação de textos; desenvolver a produção textual.
- Conhecimentos Específicos: Função Apelativa; Linguagem mista e persuasiva; Verbos no Modo Imperativo; Sistema Capitalista; Consumismo; Duplo Sentido; Adjetivação; Descrição; Juros; Desconto.
- Recursos: papel, lápis, borracha, caneta, computador, data show, pincéis, cartolina e som.
- Atividades:
  - Exibir a gravação de um programa de televisão de curta duração, como o jornal local, e pedir para que os alunos registrem informações a respeito do intervalo comercial. Esses registros servirão de base para um diálogo inicial sobre as características e intenções do texto publicitário, que serão reconhecidas na análise de propagandas impressas (ANEXO B, texto 6). Na sequência, explorar conceitos de sinonímia e antonímia, partindo do jogo de palavras: bastante/suficiente e entrar/sair.
  - Para a segunda aula, apresentar o poema do diretor de criação da marca Havaianas (ANEXO B, texto 7), Cássio Zanatta, abrindo o cenário de inspiração da coleção 2008: *Os poetas*. Para fechar o estudo, passar questões de interpretação de texto para serem respondidas em aula (APÊNDICE B), e propor uma identificação

da relação intertextual, a partir da exibição da propaganda televisiva das Havaianas, encontrada no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=7DligK2PpD4>.

- Interpretação de textos publicitários, em formato de vídeo, com ênfase para a abordagem de alguns temas transversais: ética, preconceito e consumo. Após a exibição dos vídeos e do debate provocado pelos conteúdos apresentados, reunir os alunos em grupos de 4 integrantes, mostrar a questão 14 do Simulado Enem, Guia do Estudante 2011 (ANEXO B, texto 8), e passar uma lista de exercícios (APÊNDICE C) que explore a regência verbal, a conjugação dos verbos no modo imperativo, a intergenericidade e as características do texto publicitário. Fontes de pesquisa:

<https://www.youtube.com/watch?v=MIIPkqCxEhs>

<https://www.youtube.com/watch?v=VNggHBRaSA0>

<https://www.youtube.com/watch?v=3n4fq0NG2MI>

<https://www.youtube.com/watch?v=Jtq-R2DLwGI>

<https://www.youtube.com/watch?v=wZbiM6m7qh4>

- Para a quarta aula, propõe-se a correção, de forma dinâmica e oral, da lista de exercícios confeccionada na aula anterior e a criação de um mural de anúncios na escola.

- Confeção do mural de anúncios publicitários, no quinto momento da oficina.

## **Oficina 6 - Horóscopo**

- Duração: 3 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Ciências e Língua Portuguesa.
- Objetivos: trabalhar a autoestima dos alunos; utilizar o texto literário para transmitir conhecimentos que possam influenciar positivamente a formação do caráter; resgatar a cultura popular; cultivar o otimismo e a determinação; aprimorar o uso da linguagem persuasiva.
- Conhecimentos Específicos: Figuras de Linguagem; Provérbios; Fases da Lua; Astros; Fábulas.
- Recursos: internet, computador, papel, lápis, borracha, cartolina, textos literários.
- Atividades:

- Na informática, sentados em dupla, os alunos deverão pesquisar sobre o gênero Horóscopo e registrar duas previsões/dicas que foram dadas por diferentes fontes para um mesmo signo e dia. Em seguida, deverão apresentar características específicas desse gênero. Previsão de 1 aula.
- Usando provérbios, ditos populares e alguns contos escolhidos pelos próprios alunos, em dupla ou trio, deverão produzir um novo horóscopo para um determinado signo, para todo o próximo mês. Duração de 2 aulas.

### **Oficina 7 - Radionovela**

- Duração: 7 aulas.
- Disciplinas Envolvidas: Arte, Ensino Religioso, Informática e Língua Portuguesa.
- Objetivos: exercitar a comunicação oral; melhorar a oratória; promover a integração entre o grupo; trabalhar a timidez, a leitura e a escrita; aproximar os alunos do texto literário; ampliar o repertório cultural da turma; realizar uma análise comparativa da escrita em relação ao tempo, no que se refere às mudanças da linguagem, do espaço e da própria língua.
- Conhecimentos Específicos: Temas Transversais; Elementos da Narrativa (Narrador, Personagens, Tempo e Espaço); Resumo; Resenha.
- Recursos: Textos literários, lápis, borracha, papel, caneta, caixa de som, celular, pen drive, computador e recursos que possam imitar o som das coisas.
- Atividades:
  - Fazer um breve relato sobre o surgimento da primeira radionovela até a criação da novela televisiva. Em seguida, passar o áudio de transmissão inicial de uma radionovela (<http://mais.uol.com.br/view/9c508uckp29e/em-busca-da-felicidade--a-primeira-radionovela-brasileira-040260DCC99346?types=A>) e pedir para que os alunos tentem imitar a voz de locutor e fazer a apresentação de uma novela que está no ar ou que tenham acompanhado. Dando continuidade, os alunos deverão resgatar os elementos que compõem uma novela e pensar nessa construção sem os recursos visuais. Previsão de 1 aula.
  - A segunda aula deve trazer a leitura em voz alta e em grupo do conto *Felicidade Clandestina* (ANEXO B, texto 9), de Clarice Lispector, já preparando os alunos para o processo de reescrita e criação de uma radionovela. É importante ressaltar que o

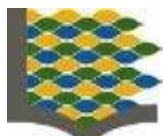
destaque deve ser dado ao diálogo, ao narrador e a todos os elementos que podem ser reproduzidos sonoramente. Previsão de 2 aulas.

- Leitura de 2 das reescritas para adaptação do conto em radionovela. Na segunda parte da aula, distribuição de alguns contos, para que sejam lidos em grupo e escolhidos para construção de novas adaptações e dramatizações.
- As três aulas restantes ficam para a reescrita do texto escolhido e gravação da produção final em capítulos, com inserção de recursos sonoros e apoio do profissional de tecnologias.

## ANEXO A – Termo de Assentimento



**INSTITUTO FEDERAL**  
**ESPIRITO SANTO**  
Campus Vitória



**PROFLETRAS**

**PESQUISA:** A rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental

**MESTRANDA:** Thayana Carpes

**ORIENTADORA DA PESQUISA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

### Termo de Assentimento

Eu, \_\_\_\_\_, de número de CPF \_\_\_\_\_, responsável pelo aluno(a) \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_ do 9º ano do Ensino Fundamental da UMEF Professor Rubens José Vervloet Gomes, autorizo a participação desse educando na pesquisa “Nas ondas do rádio, na frequência da Língua Portuguesa: a rádio simulada como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental” – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, campus Vitória, conduzida pela pesquisadora Thayana Carpes, que será realizada no campus Vitória. Entendo que neste estudo o aluno irá realizar atividades dentro e fora da escola, com o objetivo de conhecer e reproduzir os gêneros textuais mais comuns de uma programação de rádio, facilitando a produção textual, exercitando a revisão coletiva de textos e criando uma rádio escolar como produto final, a partir da análise das potencialidades do rádio no espaço escolar e suas interlocuções com a formação do cidadão crítico, em articulação com as necessidades educativas de uma escola básica do município de Vila Velha. Sei que poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail [etica.pesquisa@ifes.edu.br](mailto:etica.pesquisa@ifes.edu.br) ou pelo telefone (27) 33577518, bem como com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória ou pelo telefone (27) 98111-9232. Ficam claros para mim que, embora mínimos, sempre há a possibilidade de pequenos riscos ao participar da pesquisa, bem como o desagrado com algo que alguém diga ou faça. Também tenho ciência de que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para a escola e para a sociedade. Sei ainda que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo da participação do aluno.

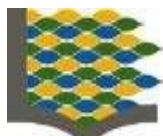
Vitória, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável pelo Participante

## ANEXO B – Coletânea de textos – Oficinas



**INSTITUTO FEDERAL**  
**ESPÍRITO SANTO**  
 Campus Vitória



**PROFLETRAS**

**PESQUISA:** A rádio como motivadora da produção textual no Ensino Fundamental

**MESTRANDA:** Thayana Carpes

**ORIENTADORA DA PESQUISA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adrianna Machado Meneguelli

**Texto 1 - *Sexo Frágil* (Erasmus Carlos)**

Dizem que a mulher é o sexo frágil  
 Mas que mentira absurda!  
 Eu que faço parte da rotina de uma delas  
 Sei que a força está com elas

Vejam como é forte a que eu conheço  
 Sua sapiência não tem preço  
 Satisfaz meu ego, se fingindo submissa  
 Mas no fundo me enfeitiça

Quando eu chego em casa à noitinha  
 Quero uma mulher só minha  
 Mas pra quem deu luz não tem mais jeito  
 Porque um filho quer seu peito

O outro já reclama a sua mão  
 E o outro quer o amor que ela tiver  
 Quatro homens dependentes e carentes  
 Da força da mulher

Mulher! Mulher!  
 Do barro de que você foi gerada  
 Me veio inspiração

Pra decantar você nessa canção

Mulher! Mulher!

Na escola em que você foi ensinada

Jamais tirei um 10

Sou forte, mas não chego aos seus pés.

**Texto 2** - Poema *Morte do leiteiro* (Carlos Drummond de Andrade)

Há pouco leite no país,

é preciso entregá-lo cedo.

Há muita sede no país,

é preciso entregá-lo cedo.

Há no país uma legenda,

que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro

de madrugada com sua lata

sai correndo e distribuindo

leite bom para gente ruim.

Sua lata, suas garrafas

e seus sapatos de borracha

vão dizendo aos homens no sono

que alguém acordou cedinho

e veio do último subúrbio

trazer o leite mais frio

e mais alvo da melhor vaca

para todos criarem força

na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca

não tem tempo de dizer

as coisas que lhe atribuo

nem o moço leiteiro ignaro.

morador na Rua Namur,

empregado no entreposto

Com 21 anos de idade,

sabe lá o que seja impulso

de humana compreensão.

E já que tem pressa, o corpo

vai deixando à beira das casas

uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos

também escondesse gente

que aspira ao pouco de leite

disponível em nosso tempo,

avancemos por esse beco,

peguemos o corredor,

depositemos o litro...

Sem fazer barulho, é claro,

que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil

de passo maneiro e leve,

antes desliza que marcha.

É certo que algum rumor

sempre se faz: passo errado,  
 vaso de flor no caminho,  
 cão latindo por princípio,  
 ou um gato quizilento.  
 E há sempre um senhor que acorda,  
 resmunga e torna a dormir.

Mas este entrou em pânico  
 (ladrões infestam o bairro),  
 não quis saber de mais nada.  
 O revólver da gaveta  
 saltou para sua mão.  
 Ladrão? se pega com tiro.  
 Os tiros na madrugada  
 liquidaram meu leiteiro.  
 Se era noivo, se era virgem,  
 se era alegre, se era bom,  
 não sei,  
 é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono  
 de todo, e foge pra rua.  
 Meu Deus, matei um inocente.  
 Bala que mata gatuno

também serve pra furtar  
 a vida de nosso irmão.  
 Quem quiser que chame médico,  
 polícia não bota a mão  
 neste filho de meu pai.  
 Está salva a propriedade.  
 A noite geral prossegue,  
 a manhã custa a chegar,  
 mas o leiteiro  
 estatelado, ao relento,  
 perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada.  
 no ladrilho já sereno  
 escorre uma coisa espessa  
 que é leite, sangue... não sei  
 Por entre objetos confusos,  
 mal redimidos da noite,  
 duas cores se procuram,  
 suavemente se tocam,  
 amorosamente se enlaçam,  
 formando um terceiro tom  
 a que chamamos aurora.

**Texto 3** - *Poema tirado de uma notícia de jornal* (Manuel Bandeira)

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

**Texto 4 - Rap do Silva (MC Bob Rum)**

Todo mundo devia nessa história se ligar  
Porque tem muito amigo que vai para o baile dançar  
Esquecer os atritos, deixar a briga pra lá  
E entender o sentido quando o Dj detonar

Era só mais um Silva  
Que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro, mas era pai de família (2x)

Era um domingo de sol, ele saiu de manhã  
Pra jogar seu futebol, deu uma rosa para irmã  
Deu um beijo nas crianças, prometeu não demorar  
Falou para sua esposa que ia vim para almoçar

Mas era só mais um Silva  
Que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro, mas era pai de família (2x)

Era trabalhador, pegava um trem lotado  
Tinha boa vizinhança, era considerado  
E todo mundo dizia que era um cara maneiro  
Outros o criticavam porque ele era funkeiro

O funk não é modismo, é uma necessidade  
É pra calar os gemidos que existem nesta cidade  
Todo mundo devia nessa história se ligar  
Porque tem muito amigo que vai para o baile dançar  
Esquecer os atritos deixar a briga pra lá  
E entender o sentido quando o Dj detonar

E era só mais um Silva  
Que a estrela não brilha

Ele era funkeiro, mas era pai de família (2x)

E anoitecia, ele se preparava  
E pra curtir o seu baile que em suas veias rolavam  
Foi com a melhor camisa, tênis que comprou suado  
E bem antes da hora, ele já estava arrumado

Se reuniu com a galera, pegou o bonde lotado  
Os seus olhos brilhavam, ele estava animado  
Sua alegria era tanta ao ver que tinha chegado  
Foi o primeiro a descer e por alguns foi saudado  
Mas naquela triste esquina um sujeito apareceu  
Com a cara amarrada, sua alma estava um breu  
Carregava um ferro em uma de suas mãos  
Apertou o gatilho sem dar qualquer explicação  
E o pobre do nosso amigo que foi pro baile curtir  
Hoje com sua família ele não irá dormir

Porque Era só mais um Silva  
Que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro, mas era pai de família (2x)

Naquela triste esquina um sujeito apareceu  
Com a cara amarrada, sua alma estava um breu  
Carregava um ferro em uma de suas mãos  
Apertou o gatilho sem dar qualquer explicação  
E o pobre do nosso amigo que foi pro baile curtir  
Hoje com sua família ele não irá dormir

Porque era só mais um Silva  
Que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro, mas era pai de família. (4x)

**Texto 5 – Construção (Chico Buarque)**

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido  
Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música  
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público  
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último  
Beijou sua mulher como se fosse a única  
E cada filho como se fosse o pródigo  
E atravessou a rua com seu passo bêbado  
Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego  
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo  
Bebeu e soluçou como se fosse máquina  
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo  
E tropeçou no céu como se ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse sábado

E se acabou no chão feito um pacote tímido  
 Agonizou no meio do passeio náufrago  
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina  
 Beijou sua mulher como se fosse lógico  
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro  
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
 Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão prá dormir  
 A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir  
 Por me deixar respirar, por me deixar existir,  
 Deus lhe pague  
 Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir  
 Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir  
 Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,  
 Deus lhe pague Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir  
 E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir  
 E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,  
 Deus lhe pague.

### **Texto 6 - Propagandas das Havaianas**

Havaianas 2008: inspirada nos poetas.



Estilosas o bastante para estar na moda. Básicas o suficiente para nunca mais sair. Havaianas Slim. Novas estampas e cores.



Designers encontram resposta para um dos maiores mistérios do universo: o que querem as mulheres?

Havaianas Slim

Novas estampas e cores.

### **Texto 7 - Poeminha só de Havaianas (Cássio Zanatta)**

Que pedir a um novo ano  
Fama, grana, remissão?  
Pra quê, há coisas mais bacanas  
Quero sossego e Havaianas

Como eu seria simples  
Espicharia o casco ao sol  
Divagaria bobagens tamanhas  
Pé no chão, só as Havaianas

Não teria mais porto  
Atracaria em areias distantes  
Potiguares, gaúchas, baianas  
Como viajariam minhas Havaianas

Aproveitaria cada minuto  
Boiaria, mergulharia  
Até me agarraria a barbatanas  
Pra depois adormecer de Havaianas

Até me dissolver na espuma  
Curtir o cabelo na água e sal  
Pente algum desfazeria as tramas

Se eu vivesse só de Havaianas

Mandaria o chefe às favas  
Viveria de brisa fresca  
Sobreviveria à base de bananas  
Meu reino por um pé de Havaianas

Fingiria que eu era outro  
Um poeta que endoideceu  
Escreveria rimas parnasianas  
Na areia em volta das Havaianas

E de noite, não faltasse um carinho  
Um colo com tudo de bom  
Namoraria Luizas, Cláudias, Anas  
Um pé que também usasse Havaianas

Se não encontrasse, paciência  
Eu me entregaria a prazeres fugazes  
Daria as festas mais insanas  
Todos, a rigor, só de Havaianas

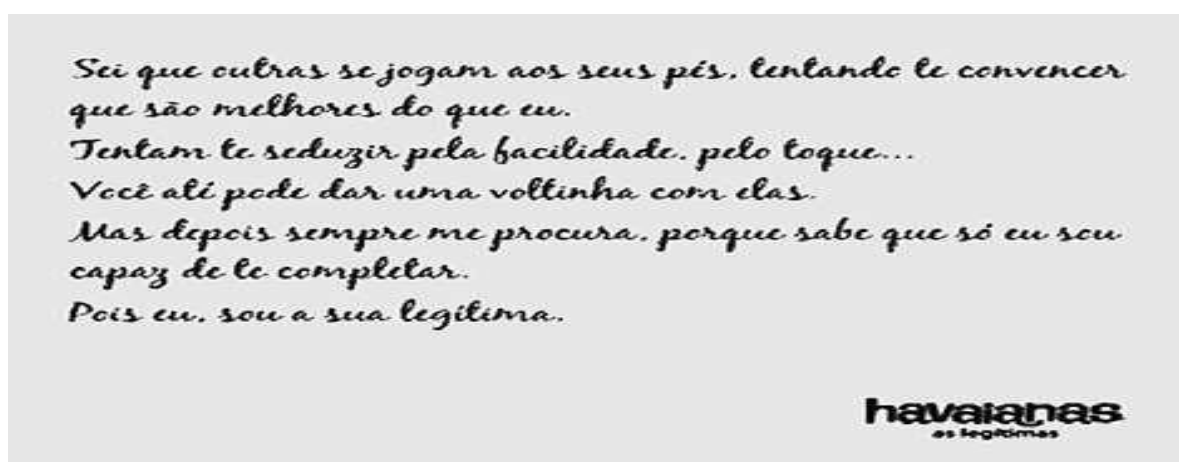
Dê-me sol, dê-me areia

Caipirinha, ostra e caju  
 Lua detrás das montanhas  
 Só não me falem as Havaianas

Eis o que eu pediria  
 Ao ano, se ele me ouvisse

Duas mil e oito coisas bacanas  
 E um só par de Havaianas  
 Se o mundo acabar, quem garante?  
 Seríamos homens realizados  
 Uma legião de anjos à paisana  
 Só de asas e Havaianas.

**Texto 8** - Questão 14 do Simuladão Enem, Guia do Estudante 2011.



1- Para convencer o consumidor da vantagem de o produto anunciado ser legítimo, o texto se vale de estratégia diferenciada de argumentação, explorando ludicamente a forma de uma carta com discurso sobre relações amorosas, segundo o qual:

- a) a mulher que ama perdoa traições.
- b) o homem que ama resiste a sedução.
- c) as mulheres são mais fiéis que os homens.
- d) a traição torna impossível a vida a dois.
- e) o casamento longo leva ao desgaste do relacionamento.

**Texto 9 - Felicidade Clandestina** (Clarice Lispector)

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos,

disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.